UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROSAMIRES BARBOSA DE SOUSA NETA

UMA ANÁLISE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA NA ESCOLA

MARABÁ/PA
2022

ROSAMIRES BARBOSA DE SOUSA NETA

UMA ANÁLISE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia sob a orientação da Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante

MARABÁ/PA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

S725a Sousa Neta, Rosamires Barbosa de
Uma análise sobre as manifestações da sexualidade da criança na escola / Rosamires Barbosa de Sousa Neta. — 2022.
90 f.
Orientador (a): Terezinha Pereira Cavalcante.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2022.
1. Educação sexual para crianças. 2. Professores de educação infantil. 3. Educação infantil - Finalidades e objetivos. 4. Escolas. 5. Prática de ensino. I. Cavalcante, Terezinha Pereira, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 372.372

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

ROSAMIRES BARBOSA DE SOUSA NETA

UMA ANÁLISE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA NA ESCOLA

Data de Aprovação: Marabá (PA), _____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos
FACED/ICH

_____

Profa. Dra. Lucélia Cardoso Cavalcante
FACED/ICH

_____

Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante
Orientadora

À minha família que muito me incentivou para que este sonho se tornasse realidade.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Os meus mais sinceros agradecimentos ao meu Deus, que tanto me amou e me ama. Por sua infinita bondade e proteção a minha vida. Ele quem me deu maior forças para a construção e a conclusão desta pesquisa.

Á minha mãe e minha maior companheira dessa caminhada, que é um dos pilares mais importantes que me impulsiona a viver e lutar a cada dia, sua força e amor em minha vida foram cruciais para me fazer chegar a esta etapa.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Terezinha Cavalcante, por sua paciência para comigo, uma pessoa que muito colaborou para o encaminhamento e a realização deste trabalho, me apontando os caminhos a seguir.

A todas as professoras que se dispuseram a colaborar, participando das entrevistas, que foram parte importante para a finalização da pesquisa.

Agradeço a uma das minhas inspirações, Daisy Maria Cravanzola, por sua paciência, pela sua compreensão e dedicação nos meus momentos de dedicação a este trabalho.

Enfim, um agradecimento a todas as pessoas que colaboraram indireta ou diretamente para a conclusão deste trabalho.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.
(FREIRE, 1981, p. 31)

RESUMO

Este trabalho faz uma análise sobre as práticas pedagógicas dos professores/as no que diz respeito as manifestações e significações da sexualidade da criança no espaço escolar. Tem como objetivo investigar e compreender como aquele fenômeno é pensado pelos professores/as que atuam nessa modalidade de ensino. Para realização da pesquisa, além do levantamento bibliográfico foi realizado entrevistas por meio de questionário semiestruturado com 8 professores que atuam nesta modalidade de ensino nas escolas públicas de Marabá. Além disso foi feita observação de campo por durante 45 (quarenta e cinco) dias. A pesquisa aponta que as manifestações da sexualidade da criança é fator presente nas salas de aulas, porém, ainda tratado pela concepção do senso comum. Com uma reflexão sobre as manifestações sexuais da criança dentro do espaço escolar, e com o objetivo de compreender as significações da exteriorização do prazer que a criança apresenta no cotidiano da dinâmica em sala de aula, foi possível assimilar como os/as professores/as da educação infantil que atuam nas escolas públicas da cidade de Marabá-PA, reagem diante das manifestações sexuais da criança As falas das professoras entrevistadas demonstram que há uma preocupação dos professores/as em relação a temática sexualidade humana, o que demanda a necessidade de uma formação especifica sobre a educação sexual no ensino infantil.

Palavras-chave: Sexualidade Infantil; Manifestações Sexuais; Espaço escolar.

ABSTRACT

This work analyzes the pedagogical practices of teachers regarding the manifestations and meanings of children's sexuality in the school environment. It aims to investigate and understand how that phenomenon is thought by teachers who work in this teaching modality. In order to carry out the research, in addition to the bibliographic survey, interviews were carried out through a semi-structured questionnaire with 8 teachers who work in this teaching modality in public schools in Marabá. In addition, field observation was carried out for 45 (forty-five) days. The research points out that the manifestations of the child's sexuality is a factor present in the classrooms, however, it is still treated by the conception of common sense. With a reflection on the sexual manifestations of the child within the school space, and with the objective of understanding the meanings of the externalization of the pleasure that the child presents in the daily dynamics in the classroom, it was possible to assimilate how the teachers of the children's education who work in public schools in the city of Marabá-PA, react to the child's sexual manifestations The statements of the interviewed teachers demonstrate that there is a concern of the teachers in relation to the human sexuality theme, which demands the need for training specifies about sex education in early childhood education.

Keywords: Child Sexuality; Sexual Manifestations; School space.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
IES	Instituto de Ensino Superior
PCN’s	Parâmetros Curriculares Nacionais
DST’s	Doenças Sexualmente Transmissíveis
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 14
2.1 **A sexualidade da criança e a descoberta psicopedagógica da infância**..... 14
2.2 **Pressupostos Teóricos Básicos: sexo e a sexualidade.....** 18
2.3 **Freud: As Etapas do Desenvolvimento Psicossexual da Criança.....** 20
2.4 **As crianças na vivência escolar: principais formas de manifestação da sexualidade.....** 24
3. EDUCAÇÃO SEXUAL: FUNAMENTOS TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS. 29
3.1 **Educação Sexual Escolar no Brasil.....** 29
3.2 **Parâmetros Curriculares e a Sexualidade.....** 38
3.3 **Conceito de Transversalidade e a Sexualidade.....** 43
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO E RESULTADOS DA PESQUISA.... 49
4.1 **Análises dos Resultados.....** 50
5 APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS..... 72
6 REFERENCIAS 75
7 APENDICES..... 79

SEÇÃO I

1. INTRODUÇÃO

Quando se levanta questões sobre o desenvolvimento infantil, o aprendizado da criança na Educação Infantil de uma escola pública, associamos a palavra brincar a palavra infância, um momento de descobertas por meio das brincadeiras. Uma fase em que a aprendizagem está em tudo que a criança vê, toca e questiona. Entretanto, não se associa a palavra sexualidade ao termo infância e tão pouco a aprendizagem.

Ao se pensar sexualidade no senso comum julga-se falar sobre o sexo, o ato sexual ou até mesmo ensinar sexo. Para muitos é um absurdo acreditar em manifestação da sexualidade da criança, ou seja, exteriorização libido. Sendo assim, ao se levantar questões que tratem da sexualidade na infância pode emergir pensamentos de que não se deve ensinar sexo para uma criança (NUNES E SILVA, 2006).

Nota-se que a sexualidade quando é associada ao termo infância, em pleno século XXI, é concebida como um tabu, algo proibido de se falar, questionar, perguntar. Sabe-se que a infância é a fase de descobertas, de construção de saberes e experiência, e para se ter acesso ao conhecimento as descobertas, a maioria de nós nos questionamos, perguntamos quando queremos conhecer o que, até o momento, não nos é conhecido. No entanto, quando a criança questiona sobre algo referente a sexualidade ela é reprimida tanto pelos pais, quanto pelos professores.

Mesmo condenada, reprimida, sabe-se que a sexualidade está intimamente ligada ao desenvolvimento pleno da criança, a sexualidade está presente no processo das descobertas do próprio corpo, para pôr fim na construção da identidade. O corpo da criança pode ser comparado um mapa que deve ser usado por elas para descobrir algo novo, algo que as intrigam, sendo também um campo para estas descobrirem, experienciar sensações que podem marcar a memória, colaborando com a busca da própria identidade (FREUD, 1901-1905).

E diante disso, é importante que o professor/a da educação infantil tenha formação suficiente para abordar o tema com cuidado e carinho pois são as experiências e sensações que vão marcar a memória da infância. Quando as manifestações e descobertas da sexualidade por parte da criança é feita de forma inadequada pode se tornar traumático, interferindo diretamente nos relacionamentos sociais, afetivos e cognitivos das mesmas, uma vez que, a sexualidade está

diretamente ligada ao comportamento (FREUD, 1901-1905).

Nessa perspectiva, a família e a escola são importantes instituições que colaboram para o pleno desenvolvimento da criança bem como a construção de sua identidade. A criança que estuda em uma escola de ensino regular passa cerca de 4 quatro) horas durante cinco dias na semana no espaço escolar, acreditando que durante esse período a escola seja responsável não somente para ensinar, mas também cuidar e orientar.

Sendo assim, acreditando que a criança manifesta sexualidade quando está brincando na escola junto aos os colegas de classe e que sexualidade não aborda somente questões sobre sexo e que está presente em todas as fases vida da criança, compreende-se também que não há idade certa sua manifestação, nem a idade certa para se falar do tema, posto que, acredita-se que a sexualidade é inerente ao desenvolvimento do ser humano.

A partir das considerações citadas acima, e por ter vivenciado dentro de uma escola de ensino público, enquanto estagiária escolar, duas crianças de cinco anos se acariciando e tocando em seus órgãos sexuais em um momento de recreação surgiu-me uma inquietude sobre esse cenário. A partir naquele momento vivenciado despertou-me a curiosidade de saber como os professores/as da educação infantil lindam com a manifestação da sexualidade, ou melhor dizendo, da libido infantil. Nesse viés de pensamento, levanta-se os seguintes questionamentos: Como os professores/as que atuam nas redes de ensino público infantil de Marabá reagem e lidam com as exteriorizações de sexualidade das crianças no espaço escolar? Que tipo de formação pedagógica estes profissionais recebem para lidar com um tema tão delicado que envolve moral, costume e tradições?

Sabe-se que a questão da sexualidade no ensino infantil ainda tem tons de polêmicas, mas que não pode ser efetivamente evitado e reprimido totalmente, haja vista que as manifestações sexuais da criança se tornam parte da rotina escolar, apesar da complexidade da temática, não há como negar, que a sexualidade também está presente no ambiente escolar (GUIMARÃES, 1995).

Nesse sentido, Guimarães nos diz que:

> Os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes [...]. (Eles percebem como objetivo da educação sexual, “aumentar informações”, “ajudar a descontrair” ...) “quebrar tabus”, lidar melhor com a sexualidade na experiência própria e com os outros (GUIMARÃES, 1995, p. 79).

Embora o autor argumente que os educadores reconheçam a necessidade da educação sexual na escola, esta ainda é tabu, tornando-se necessário o rompimento de conceitos e pré-conceitos que tratam a sexualidade infantil como algo pecaminoso, principalmente, quando esta está associada a descoberta da criança. Em muitos casos ao perceber uma manifestação sexual da criança há uma repulsa e repreensão por parte do educador que o considera como ato libidinoso. Atitudes que levam a repressão negativa, à uma violência física ou simbólica. Quando se está diante a uma exteriorização do prazer sexual por parte de uma criança, de acordo com Freud (1901-1905) pode gerar efeitos negativos que podem interferir no desenvolvimento psicofísico da criança.

Além disso, esta pesquisa tornou-se de grande importância para o meu amadurecimento e desenvolvimento profissional, haja vista que cenários de manifestações da sexualidade em um ambiente escolar, principalmente em uma sala de aula são frequentes, sendo necessário um conhecimento especifico para uma orientação adequada do professor para uma criança que está descobrindo o mundo.

Por fim, o presente trabalho objetiva compreender os significados e as manifestações da sexualidade das crianças no ambiente escolar, e analisar como o profissional da educação infantil reagem diante das exteriorizações da sexualidade das crianças, bem como analisar a formação e qualificação do educador no que tange a temática.

Este trabalho está organizado em cinco Seções, assim distribuídas: esta Introdução; Na Seção I, discorre-se sobre o referencial teórico, fundamentando-se nas leituras de Freud (1856-1939). e Piaget (1896-1980), bem como outros autores no sentido de encontrar os principais fundamentos teóricos e saberes imprescindíveis sobre as significações e manifestações da sexualidade da criança.

Na Seção II, encontra-se os principais fundamentos teóricos e pedagógicos sobre a educação sexual no Brasil. No primeiro momento, buscou-se abordar sobre a educação sexual no Brasil, realizando um breve resgate histórico da trajetória do tema nas escolas brasileiras. Posteriormente, se analisa como a educação sexual é retratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Na Seção III, descreve-se os procedimentos de pesquisa e apresenta-se os resultados e discussões dos dados coletados sobre as significações e manifestações da sexualidade da criança, analisando a reação e ação dos professores/as da educação infantil frente a uma manifestação sexual da criança.

Na Seção IV, se encontra as considerações finais, há o momento de reflexão sobre a pesquisa.

SEÇÃO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 **A sexualidade da criança e a descoberta psicopedagógica da infância**.

Pretende-se nesta Seção abordar sobre a sexualidade da criança por meio dos pressupostos teóricos sobre a identificação e diferenciação de sexo e sexualidade, fundamentado nas concepções dos Jean Piaget (1896-1980), e Sigmund Freud (1856-1939),[1] bem como outros autores, sobre o desenvolvimento psicossexual da criança.

Sigmund Freud (1856-1939), sendo considerado o pai da psicanálise, formado em neurologia, desenvolveu estudos com dedicação as neuroses, com o intuito de tentar ajudar e encontrar a cura para indivíduos que apresentavam determinada alteração psicológica.

Com a tese sobre o inconsciente, permitiu-se o entendimento sobre as formações de traumas psicológicos desenvolvidos no indivíduo. No decorrer dos seus estudos, com buscas sobre as origens dos traumas Freud inicia também seus estudos sobre a criança. Tendo como objeto de pesquisa a conduta neurótica das pessoas afirma que o surgimento das neuroses tem correlação com a fase infantil dos indivíduos, tais neuroses se iniciam nas inibições sexuais das crianças, isto é, ainda na fase infantil da vida os indivíduos que sofrem, ou sofreram, certa repressão sexual, acaba por fim desenvolvendo neuroses psicológicas na fase adulta. Assim, o autor afirma a existência da sexualidade da criança.

Em uma conferência nos Estados Unidos em 1909, Freud revela os motivos pelos quais se atentou a infância afim de compreender a neurose apresentada na fase adulta:

> O modo de proceder dos doentes em nada facilita o reconhecimento da justeza da tese que estamos aludindo. Em vez de nos fornecerem prontamente informações sobre a vida sexual, procuram por todos os meios ocultá-la. Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecido de mentiras, para se resguardarem, como se reunisse um temporal terrível no mundo da sexualidade. E não deixam de ter razão; o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à atividade sexual (FREUD, 1970, pp. 38-39).

Sabe-se que discutir a sexualidade infantil neste século XXI, ainda é uma temática carregada de tabus, crenças, preconceitos, valores e interditos com múltiplas visões e considerações. No campo educacional é uma temática polêmica, em que conservadores opinam

---

[11] Os textos consultados encontram-se disponíveis https://www.passeidireto.com/arquivo/66734069/cinco-licoes-de-psicanalise-4-licao.

sobre o que, deve ou não, ser abordado na escola, principalmente na educação infantil, haja vista que, pelo viés do senso comum há concepção de que a sexualidade se manifesta no ser humano a partir da puberdade até a fase adulta.

Afim de compreender a sexualidade da criança por meio de Freud, se faz necessário também compreender o conceito de criança. Ao se referir a infância, Sarmento (2009, p.16) diz que a criança é o sujeito da infância, e ao se tratar de infância e criança, temos as diversas realidades, deixando assim de confirmar a singularidade que há no nome infância, considerando a pluralidade em ser criança, apresentando que essas diversas realidades são marcadas pelas desigualdades sociais para o seu desenvolvimento.

Desse modo, entende-se que a criança existiu por toda a história enquanto a infância se torna um conceito construído socialmente no mundo, e com isso, estão subordinados por aspectos tanto sociais, quanto políticos e culturais. A sexualidade, por sua vez, também existiu por toda a história e está presente em todas as sociedades humanas.

Nunes e Silva (2006, p.2), conceitua o termo infância sob o olhar do senso comum sendo visto como "um período feliz, prazeroso e idílico da vida". Em a criança é desprovida de responsabilidades e preocupações. Isto leva a crença de que a infância é o período cego e sem fala, em que a criança, desprovida de responsabilidades e preocupações, tem aspectos de ausências, imperfeições e negatividades, tornando-se um agente inativo na sociedade.

Ainda seguindo com as buscas sobre o conceito de criança. Quando se lança o nome "criança" em rede de conectividade de internet, o resultado que se tem é um site de Dicionário Português Online, onde esse, taxa o termo criança como "um substantivo feminino, menino ou menina que está no período da infância entre o nascimento e a puberdade" sendo considerado um adjetivo de imaturidade e de ser ingênuo enquanto o termo "infância" tem a sua origem do *latim*, do verbo *fari que significa "falar"*, sendo o termo *fan possui o significado de* "falante" e *in* consiste na negação do verbo. Seguindo esse viés de significações, *infans* é referente ao indivíduo que ainda não é capaz de falar. Assim como a palavra criança também tem sua etimologia do *latim creatina*, tendo como significado "o que está sendo criado."

Diante disso, seguindo a evolução da civilização e da sociedade, os termos criança e infância também evoluem, sendo definidos e considerados de acordo com os contextos sociais de cada momento da história. Porém ainda se vê enraizado concepções ultrajantes ao termo criança nos dias atuais, quando se olha para o senso comum popular brasileiro, percebe-se que a criança é vista como um ser feliz, um ser que brinca e se diverte, desprovida não somente de responsabilidades, mas, muitas das vezes, silenciada e esquecida durante o processo de

evolução e construção da sociedade.

Acerca da sexualidade da criança Freud com suas formulações teóricas, considera a sexualidade da criança desde o nascimento, sendo o único, a tratar com naturalidade as ações, manifestações sexuais da criança. Ao apresentar o resultado de seus estudos diz Freud:

> Mas, agora sim, estou realmente certo do espanto dos ouvintes: "existe então - perguntarão- uma sexualidade infantil?" "A infância não é, ao contrário, o período da vida marcado pela ausência do instinto sexual?" Não meus senhores. Não é verdade certamente que o instinto sexual, na puberdade, entre no indivíduo como, segundo o Evangelho, os demônios nos porcos. A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provêm, através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixa-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave (FREUD, 1970, pp. 39-40).

Nota-se nas entrelinhas que deixar passar despercebida a sexualidade pode interferi na personalidade e na construção identitária da criança. Sabe-se também que as manifestações da sexualidade de crianças, não são somente manifestações erógenas e corporais, mas também são representações históricas e sociais presentes no desenvolvimento do caráter nas atitudes, nos valores, nas crenças e etc. Nesse sentido, a concepção do fenômeno da sexualidade infantil abrange aspecto emocionais, históricos e sociais.

Freud (1970), destaca dois períodos que marcam o desenvolvimento sexual da criança, sendo estes a "amnésia infantil" e o chamado "período de latência". A amnésia infantil, faz surgir um tipo de "pré-história", isto é, o período vivenciado por todos os indivíduos, porém em sua maioria há a falta dessa memória. Este fenômeno de amnésia infantil ocorre entre os seis ou oito anos de vida da criança. Entretanto a maioria dos indivíduos, se não todos, têm a falta de memórias, restando apenas alguns momentos de vislumbres incompletos, sem a real lembrança do que verdadeiramente foi vivenciado nesse período da fase infantil. O autor acredita que é na pré-história que está submerso o pilar sensitivo e informativo do começo da existência da sexualidade. A amnésia infantil acaba por corroborar a desconsideração da importância dos períodos de desenvolvimento infantil para o desenvolvimento da vida sexual das pessoas. Freud afirma que "desde 1896 notou a importância dos primeiros anos de vida na produção de certos fenômenos essências dependentes da vida sexual, e jamais deixou de chamar a atenção para este aspecto" (1970, p. 88).

O período de latência, marca de forma significativa a evolução sexual na infância, pode ser percebido dos seis aos dez anos de idade. Entretanto, este período também apresenta alguns

momentos de interrupções, assim, Freud afirma:

> Nada de certo se pode dizer sobre a regularidade e periodicidade das oscilações deste desenvolvimento, mas parece que a vida sexual da criança, por volta do terceiro ou quarto ano, já se manifesta de uma forma que a torna acessível à observação (FREUD, 1970, p. 90).

Diante disso, o período de latência denominado por Freud, será o momento em que haverá a repressão sexual da criança, haverá nesse período a diminuição do vigor do anseio sexual da criança, a libido é forçada a sua não exteriorização e consequentemente o abandono dos desejos sexuais da criança. Além disso, são esquecidos muitos dos comportamentos e entendimentos sobre sexualidade dos primeiros seis anos de vida da criança. (FREUD, 1926, livro XXV, p. 128)

Entretanto, se é verdade a afirmação de que no decorrer do desenvolvimento sexual da criança, há no período de latência a constituição de potências psíquicas que, gradativamente pode se transformar em obstáculos para os estímulos sexuais. E nesse momento surge as repressões sexuais, o pudor, os anseios estéticos e morais. (FREUD, 1970)

> Esta evolução condicionada pelo organismo é fixada pela hereditariedade, pode às vezes produzir-se sem qualquer intervenção da educação. Para permanecer nos seus limites, deverá esta limitar-se a reconhecer traços do que é organicamente pré-formado, aprofundá-lo e depurá-lo (FREUD, 1970, p. 91).

Diante destas considerações é possível afirmar que a criança tem manifestações sexuais e que a sexualidade está inerente ao desenvolvimento psíquico, motor, social e emocional. Ao nascer a criança já traz consigo a sexualidade, sendo de possível observação detalhada, a partir do terceiro ao quarto ano de idade. E no decorrer do processo de evolução sexual da criança, esta está sujeita a algumas interrupções.

Dessa forma, é perceptível que os processos que ocorrem durante o desenvolvimento sexual da criança, são importantes para o desenvolvimento individual. Sendo a criança um ser que está em formação, se faz necessário respeitar cada período do processo. No entanto, quando a sexualidade da criança se manifesta de forma espontânea em público, (no caso da escola), pode-se afirmar que há repreensão além da punição inadequada que pode prejudicar o desenvolvimento da formação identitária da criança (NUNES e SILVA, 2006).

As considerações de Nunes e Silva, 2006 sobre a sexualidade da criança diz que:

> a sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam

> provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de 'normalidade' que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes (NUNES e SILVA, 2006, p. 52).

Portanto, ressalta-se que a sexualidade está inerente a existência humana, se fazendo presente também na fase infantil do indivíduo, sendo o processo de desenvolvimento sexual da criança importante para a consolidação da vida adulta.

2.2 Pressupostos Teóricos Básicos: O sexo e a Sexualidade

Considerando a sexualidade como inerente ao ser humano, tendo em vistas que a sexualidade está intrínseca com a dimensão do ser humano, torna-se necessário a compreensão dos termos sexo e sexualidade.

Para Nunes e Silva (2000, p. 33) a sexualidade compreende-se a partir dos modelos sociais que se apresentam na sociedade, seguindo o ritmo cultural e histórico que as sociedades apresentam conforme o tempo, sendo a sexualidade interpretada de acordo com o momento histórico que a sociedade está inserida.

Nunes e Silva (2006) ressaltam, ainda, que a sexualidade não pode ser definida de forma superficial como uma parte de um todo, ou o complemento de algo que está inerente ao ser humano. Ela não pode ser vista como algo secundário, que pode ser vinculada as potencialidades e habilidades do homem. Estes autores entendem que a sexualidade é uma marca singular do ser humano, que está presente sendo desenvolvida como característica única do homem em sua condição histórica e cultural.

Os autores, pontuam que:

> Este homem é um ser sexuado. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta sua dimensão de "ser sexuado", isto é, de constituir uma sexualidade, uma significação e vivência da mesma, diversamente da determinação instintiva e primariamente animal e reprodutiva. A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas (NUNES e SILVA, 2006, p.73).

Figueiró (2006, p. 17) comunga com o pensamento de Nunes e Silva afirmando que a sexualidade é influenciável pela cultura determinante da sociedade bem como pelo momento histórico rompendo a concepção de que a sexualidade somente é uma questão biológica.

Ainda neste tocante, Oliveira (2011), expõe sobre a sexualidade:

> é necessária a compreensão que a sexualidade não pode ser considerada somente biológica, pois será uma construção de acordo com o meio sociocultural, que não acontece de forma paralela, tampouco é alheia à formação do indivíduo, ao contrário, ela se constitui no âmbito das relações sociais, ao mesmo tempo em que influência a qualidade dessas relações (OLIVEIRA, 2011, p. 21).

A compreensão de que a sexualidade não se resume biológico, ela traz consigo a intencionalidade, a atitude de escolher, sendo a sexualidade a significação e a vivência do sexo, presente desde o surgimento até a organização cultural do homem.

De acordo com Nunes e Silva (2006), todo ser humano é um ser sexuado, sendo por sua vez, também um ser sexualizado, e devido a isso todo ser humano está envolvido na dinâmica e nas características de sua própria sexualidade. Quando esta é considerada algo único e particular do ser humano atravessa os núcleos da subjetividade e da sociedade, sendo por fim um campo de saberes e conhecimentos sobre as características exclusivas do ser humano (NUNES e SILVA, 2006).

É válido ressaltar que a identidade de cada ser humano está intimamente ligada com a sexualidade, haja vista que ao nascermos, fomos identificados como “menina” ou “menino”, sendo uma das nossas primeiras identidades. Há casos em que não se tem uma definição biológica dos órgãos sexuais, onde se encontra pessoas binárias, que possuem os dois sexos. E mesmo sendo uma identidade definida pelos órgãos genitais, presume-se que a sexualidade esteja presente antes do nascimento.

Nunes e Silva, apontam a diferença entre o sexo e a sexualidade, para os autores:

> É possível entender o sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal. Já a sexualidade é um processo cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo (NUNES e SILVA, 2006, p. 74).

Dessa forma, tratar a sexualidade como uma dimensão instintiva natural e animal do homem, é uma negação de uma dimensão mais ampla e significativa, haja vista que a sexualidade tem dimensão na vivência e na significação do próprio sexo. É inadequado pensar a sexualidade, somente instintiva e de natureza biológica do homem. Isto reduz a compreensão humana sobre manifestação da sexualidade.

Discutir sexualidade infantil, requer compreensão cientifica e humanista, ultrapassando a concepção pautada pelo senso comum de limitação natural biológica. E para essa compreensão é necessário também a compreensão do desenvolvimento psicossexual da criança, para enfim analisar as manifestações da sexualidade da criança, com foco da

sexualidade infantil na escola.

2.3. Freud: As Etapas do Desenvolvimento Psicossexual da Criança

Os estudos sobre as etapas de desenvolvimento sexual da criança, aponta-nos que esse processo está intimamente ligado com o desenvolvimento e a dinâmica psicológica da criança, tendo como finalidade a forma como a criança ler e interpreta o mundo. A necessidade de compreensão sobre essas etapas de desenvolvimento psicossexual da criança, faz-nos recorrer como dito anteriormente ao teórico Sigmund Freud, acreditando nas contribuições cientificas sobre o desenvolvimento infantil, com abordagens voltadas para as estruturas dinâmicas e cognitivas da criança.

O objetivo das análises das teorias de Sigmund Freud (1856- 1939), não estão pautados em um debate cientifico de oposições de teorias, e nem como justaposição dos ideais do teórico sobre as etapas do desenvolvimento psicossexual da criança. Diante disso, ressalta-se que a análise dos pensamentos do referido teórico se baseia no fato de se abordar cientificamente os processos de desenvolvimento psicossexual da criança.

Freud (1856- 1939), formula suas teorias com base na infância, na estruturação do desenvolvimento da criança por etapas. Estas etapas incluem o desenvolvimento psíquico, intelectual e físico, afirmando que a criança é um ser em constante desenvolvimento.

Acreditando nas contribuições cientificas de Freud, adoto-o como referencial teórico para discorrer sobre as etapas do desenvolvimento psicossexual da criança, Busca-se neste autor a compreensão das análises de suas formulações teóricas para o entendimento do processo sexual da criança.

Parte-se do princípio que todos nós somos seres sexuados, isto é, biologicamente, naturalmente todo ser humano possui um sexo, isto é, um órgão genital que se torna condicionado historicamente, consequentemente desenvolve a sexualidade, sendo Freud, um dos pioneiros em estudos sobre as neuroses, e as fases psicossexual da criança.

Nunes e Silva (2006), interpretam as fases psicossexuais da criança de acordo com as formulações teórica de Freud, afirmando que a revolução dos estudos teóricos de Freud pode ser utilizada tanto nas ciências biológicas, quanto para ciências humanas e a pedagogia. Sobre a sexualidade infantil Freud sistematiza as fases de cristalização da libido nas diferentes fases do desenvolvimento humano da criança.

Estas fases são denominadas de desenvolvimento psicossexual: são as fases oral, anal,

fálica, o período de latência e a fase genital[2]. De acordo com o teórico Freud (1901-1905) essas fases são universalmente vivenciadas por cada criança. Aqui, estas fases serão apresentadas de forma resumida:

1. Fase oral: associada ao prazer ao pôr objetos quaisquer na boca, seja uma mamadeira, brinquedos e até o peito da mãe na ocasião de amamentação. E oriunda dessa fase oral, a criança encontra grande satisfação da libido em atividades oral, como também, sorrir, morder, sugar e até mesmo o ato do choro (ocorre no primeiro ano de vida).
2. Fase anal: entre os três primeiros anos da criança, compreende o início do controle dos esfíncteres e dos anus, momento em que a criança passa a controlar os músculos, concentrando maior prazer na área anal, isto é, com esse controle dos músculos, a criança sente prazer em defecar e urinar.
3. Fase fálica: ocorre do quarto ao sexto ano de idade da criança e corresponde ao período em que a atenção da criança está voltada para a curiosidade e descoberta dos órgãos genitais, época que descobre as diferenças genitais.
4. Fase genital: inicia a partir dos dez anos de idade, é marcada pelas mudanças biológicas e corporais, além de marcar também a afetividade e a sociabilidade. Freud aponta este período como sendo de organização estrutural da psique da criança, período do amadurecimento psíquico. Sendo nesta fase a retomada dos estímulos sexuais, após ter passado por um período de latência que segundo o autor pode ocorrer do sexto ao nono ano.

A análise das etapas de desenvolvimento psicossexual da criança nos leva a refletir e crer que estas fases podem ser identificadas em todo o processo psicossexual do indivíduo, principalmente na fase infantil, inferindo ao fato de que a criança é um ser em constante desenvolvimento e evolução. O teórico Sigmund Freud (1901-1905), destaca esse processo de desenvolvimento psicossexual da criança como evolutivo, de caráter superativo, em que cada fase, etapa ou período é marcado por uma atitude com características sexuais e afetivas acentuado em seu próprio processo de desenvolvimento.

---

[2] Freud (1901-1905) - três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos

2.4 As crianças na vivência escolar: principais formas de manifestação da sexualidade.

Sabe-se que a criança passa cerca de metade de seu tempo dentro do ambiente escolar, o que nos leva a considerar que dentro do espaço escolar a criança venha a manifestar comportamentos de seus próprios anseios e desejos. Como por exemplo, uma criança que está em vivência escolar, a partir do momento em que a mesma sente o desejo de realizar uma necessidade fisiológica, como urinar ou defecar, a criança irá se expressar, manifestando seu anseio.

Assim também se manifesta a sexualidade da criança no ambiente escolar, sendo a criança um ser, de acordo com Sigmund Freud (1856-1939), que não encobre e nem disfarça seus desejos, se torna impossível que o educador, ou até mesmo um funcionário da equipe de apoio escolar, não percebe as manifestações de sexualidade da criança. Nunes e Silva (2006), pontuam que a criança expressa suas manifestações sexuais de forma natural e tranquila, sem quaisquer intencionalidades de malícia. Assim, como também manifesta o seu cansaço, sua criatividade, suas afetividades com naturalidade e tranquilidade.

Seguindo a linha de pensamento de Nunes e Silva (2006), sobre a as manifestações sexuais da criança dentro do espaço escolar, pontuando sobre a postura pedagógica de um educador diante as manifestações sexuais da criança o autor menciona que:

> O potencial de expressão da criança traz em si a expressão da sexualidade. é importante que saibamos que quando trabalhada adequadamente esta expressão jamais se torna um obstáculo para as atividades pedagógicas, ao contrário, colabora grandemente para que o educador ganhe a confiança do grupo e desenvolva atividades escolares com muito mais segurança e sucesso. A postura receptiva por parte do educador a estas manifestações convergem numa prática profissional verdadeiramente formativa, no tocante a qualidade do processo de formação institucional da criança. É preciso, no entanto, que o educador esteja atento a estas expressões e aproveite a oportunidade para fazer uma interferência significativamente positiva (NUNES e SILVA, 2006, p. 77).

É notório a importância da postura do educador frente as manifestações sexuais da criança, a abordagem que Nunes e Silva fazem destacam o educador como um intermediário de conduta positiva, que possa entregar a criança o conhecimento adequado sem quaisquer resquícios e intencionalidades preconceituosas, de conhecimento raso sobre a sexualidade da criança, carregada de julgamento do senso comum popular sobre a sexualidade da criança.

E diante disso, se faz necessário a abordagem de formação continuada para o educador, professor/a referente a essa temática. Assim:

> Ao educador e à educadora cabe ajudar a criança a desenvolver uma consciência de sua própria capacidade quando pretende realizar uma determinada tarefa. A criança tem o mundo inteiro para descobrir, perceber, cheirar, apalpar, ouvir, usando o seu corpo. Dessa maneira sempre mostra uma curiosidade por satisfazer. E o corpo é a matriz da sexualidade. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 90).

Nunes e Silva, pontuam sobre a manipulação dos órgãos genitais praticados pela criança se trata ainda de uma busca intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como "masturbação" ou perversidade (NUNES e SILVA, 2006, p. 77). Estes autores, continuam a discorrer sobre as práticas de manipulação sexual da menina e do menino.

> Trata-se de uma prática que pode apresentar-se como circunstancial ou passageira como pode ainda estruturar-se de maneira mais observável entre os meninos, pelas características culturais e educacionais de maior permissividade e estimulação de expressão social da sexualidade masculina, contrapondo-se aos eficientes mecanismos de repressão das meninas. É mais difuso entre as meninas, que podem manifestar-se no toque genital ou no auxílio de objetos, brinquedos, posições que promovem estímulos prazerosos (NUNES e SILVA, 2006, p. 77).

Outra prática realizada pela criança, é a atitude de reter a urina, uma ação feita pela criança que é de fácil observação no ambiente escolar. A criança encontra também nessa atitude sensações de prazer tanto físico, pois a ação de bloquear a passagem da urina pelo órgão genital, ocasiona a retração muscular, que por sua vez causa estímulos prazerosos a partir disso. Concentra-se também nessa atitude a sensação prazerosa e satisfação a partir do próprio órgão sexual da criança, haja vista que a retenção da urina, também causa impactos sensitivos prazerosos no genitais. (NUNES e SILVA, 2006).

Os autores, Nunes e Silva, também discorrem sobre essa atitude de retenção urinaria realizada pela criança, em busca de suprir com os estímulos sensitivos de prazer. "É uma simples relação de controle sobre o corpo, que a criança experimenta. Deverá ser acompanhada pelos adultos e reforçada numa dimensão educacional emancipatória e não repressiva" (NUNES e SILVA, 2006, p. 78).

Nota-se a importância cada vez maior das manifestações livres da sexualidade da criança, pois estas expressões manifestas, para suprir os estímulos de prazer interferem diretamente na construção identitária da criança, por meio do reconhecimento do seu próprio corpo. E por isso, o alerta que os autores pontuam, sobre tratar essas manifestações sexuais da criança de forma repressiva, negativa e de forma repreensiva carregada de preconceitos e

julgamentos.

Continuando sobre as manifestações da sexualidade da criança dentro do espaço escolar, há outra prática realiza pela criança que manifesta seus desejos diante aos estímulos de prazer, sendo esta prática uma das mais comuns manifestações da sexualidade, é a descoberta e o ato do beijo, isso está pautado na necessidade afetiva sexual da criança, haja vista que a descoberta do beijo para a criança é um ato simbólico e mítico (NUNES e SILVA, 2006).

Para os autores B. Malinowski (1975) e P. Ariès (1981) que teorizam sobre origem da expressividade do ato de beijar, afirmam que as raízes desse ato se encontram nas técnicas primitivas de alimentação, em que a mãe mastigava o alimento e depositava na boca da criança, devido a audiência de estrutura dentaria da criança, esse acontecimento também se sucedia com as pessoas mais velhos de idade avançada, onde se tinha a falta dos dentes, dificultando a alimentação desses indivíduos.

Nunes e Silva (2006) refletem sobre a simbologia do beijo para a sociedade, os autores afirmam que o beijo é um ato simbólico cultural da existência humana carregado da expressividade dos sentimentos de amor, afeto e carinho, não se referindo necessariamente ao aspecto genital ou sexual do indivíduo. Essa atitude simbólica e cultural também está ligada diretamente com as fases de desenvolvimento do que é ser humano, e das relações sociais, Desse modo, a criança, particularmente estimulada por uma cultura própria da mídia, explicita ou de maneira mais acanhada, sente-se atraída pela simbologia e cultivo social do beijo, como um símbolo idealizado e mítico (NUNES e SILVA, 2006, p. 79).

Percebe-se a interferência também da mídia para o processo de desenvolvimento psicossexual da criança, a cabe nos atentar a teoria de etapas organizada por Piaget (1995) sobre o período sensório-motor em que há o predomínio da imitação realizada pela criança. É de perceptível observação facilitada que a criança imita as ações e comportamentos humanos, a mídia foi criado pelo homem, a mídia retrata também as atitudes comportamentais do ser humano, sendo de fácil imitação por parte da criança.

Entretanto, se analisarmos a evolução midiática, percebemos também a evolução de como é tratado a sexualidade pela sociedade, e o ato do beijo se insere nessa evolução. Ao assistirmos uma novela global do nosso país é fácil notar que o beijo não se é retratado somente como um ato simples de expressividade de carinho, amor e afeto, encontra-se em cenas de diversas novelas, seriados e filmes, como a famosa série da Netflix denominada de “Elite”, em que o ato do beijo está intimamente ligado a prática sexual (NUNES e SILVA, 2006).

Os autores Nunes e Silva (2006) também apresentam a outra forma de manifestação

da sexualidade da criança.

> Uma forma peculiar de curiosidade das crianças constitui uma atividade específica que denominamos *observacionismo*. Esta atitude quer tipificar aquela ansiedade em ver, apalpar, conhecer as identidades sexuais/genitais de outrem, meninos e meninas (NUNES e SILVA, 2006, p. 81).

Assim, os autores discorrem sobre as práticas desse observacionismo da criança, esse anseio em querer ver, tocar e conhecer mais da identidade corporal, com foco nos genitais sexuais de outras pessoas, tanto de outras crianças, quanto de adultos também. E continuam a apresentar que a prática mais comumente emana do menino, haja vista que devido ao sistema patriarcal presente na sociedade, estes são privilegiados pra se ter uma maior expressão das práticas observacionista.

Dentre estas práticas se tem, as atitudes de levantar os vestidos das meninas para saber a cor da calcinha que a menina está usando, a necessidade de procurar ver e tocar nos genitais dos outros tanto meninos quanto meninas, além de espiar os outros utilizando o banheiro.

Outar forma de manifestação sexual da criança, é fetichismo ou exibicionismo, considerada pelos autores Nunes e Silva (2006), como uma das práticas mais repressivas de incompreensão social. O exibicionismo ou o fetichismo, é a manifestação sexual da criança, em que esta tem por fixação em desenhar e até mesmo dizer publicamente os nomes dos genitais sexuais, ou de objetos relacionados aos órgãos genitais, tal como, o preservativo, a calcinha, ou a cueca. O período em que a criança apresenta essa atitude está por volta sete a oito anos de idade.

> As práticas exibicionistas revelam a ansiedade e satisfação em provocar espanto ou polêmica, quer no grupo social ou na comunidade normativa [...] Não se trata de reprimir a expressão fetichista, mas de buscar dar-lhe uma significação mais apropriada, exaltando os caracteres de subjetividade humana que encerram (NUNES e SILVA, 2006, p. 82).

Nunes e Silva, mais uma vez frisa sobre a repressão das expressões sexuais realizadas pela criança, estes autores apontam para o caminho da significação das atitudes de sexualidade da criança e vivência escolar. Afirmando também que a criança, por sua vez, encontra estímulos de satisfação e prazer na atitude causadora de polêmica e repressão social, não encontrando somente um prazer delimitado no corpo quando se desenha ou fala publicamente diante ao seu grupo social ou comunidade, seu prazer se torna envolta também das reações da sociedade frente a esse ato.

Há também uma outra manifestação da sexualidade da criança, está pautado no

fenômeno do nascimento, apesar do intelectual e do cognitivo da criança estar passando pelo processo de desenvolvimento psicossexual, sendo a mente da criança envolvida pelas mitologias e fantasias utópicas, há a curiosidade incessante em saber como se acontece o fenômeno do nascimento, a famosa pergunta “de onde vem os bebês?”.

A pergunta sobre a origem dos bebes não se limita a somente saber, sendo sucedida por outras perguntas a partir do momento em que a criança recebe uma resposta. A exemplos temos as perguntas teóricas da criança sobre o nascimento, dentre elas “porque tem um bebê na sua barriga?”, dependendo da resposta a criança irá formular outra pergunta, “por onde o bebê sai?”.

Por fim, é notório como se é explicito as manifestações da sexualidade da criança na vivência escolar. Sendo valido a ressalva sobre a importância desse processo de desenvolvimento psicossexual da criança, para a formação identitário e do conhecimento e reconhecimento do corpo da própria criança.

SEÇÃO III
EDUCAÇÃO SEXUAL: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS

Na presente Seção objetiva-se apresentar a educação sexual com base em fundamentos teóricos e pedagógicos. E para se alcançar este objetivo este capítulo divide-se em três tópicos distintos. Para se discutir a educação sexual, se faz necessário buscas históricas sobre o trajeto percorrido e enfrentado da educação sexual no Brasil. Assim como também busca abordar sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a sexualidade, além de tratar sobre o que significa a transversalidade e como se sucede a prática de abordagem pedagógica da sexualidade nas escolas públicas brasileiras de forma transversal.

3.1. Educação Sexual Escolar No Brasil

Quando se fixa o olhar sobre a educação sexual escolar no Brasil, percebe-se que esta temática permeada de tabus dentro do sistema educacional tradicional, incluindo tanto as escolas de ensino público, quanto as escolas de ensino privado. E para discorrer sobre a educação sexual escolar no Brasil se faz necessário recorrer a história, com um breve um resgate histórico, apontando os principais marcos de iniciativas sobre como se sucedeu a implantação da educação sexual no nosso país.

A necessidade de uma educação sexual escolar foi protagonismo de cenários históricos de anos com grandes avanços, e outros marcados pelo retrocesso (Nunes e Silva, 2006). Os marcos históricos e iniciativas efetivas sobre a implantação da educação escolar no Brasil, ganhou cada vez mais força de impacto na sociedade no século XX, principalmente nos anos de 1960, tendo um marco de iniciativa em 1980, momento em que se foram desenvolvidos projetos de educação sexual para o país pelos órgãos governamentais (Bueno e Ribeiro, 2018).

Devido a crescente massificação de teóricos e estudiosos que tiveram a temática da educação sexual escolar do nosso país como foco de suas análises e estudos nos últimos 40 anos, como Bedin (2016), Chauí (1984), Figueiró (1998), Pinheiro (1997), Ribeiro (2004, 2013), Rosemberg (1985), Russo e Rohden, (2011) e Silva (2002), a educação sexual escolar no Brasil passa a ganhar cada vez mais espaço dentro dos debates educacionais do nosso país.

De acordo com o pensamento Ribeiro (2004, p.16), a história sobre a educação sexual no Brasil, pode ser considerada dividida em três momentos históricos. O primeiro período refere-se ao Brasil Colônia, este período é marcado pelo Sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da Igreja.

(RIBEIRO, 2004, p. 16).

Neste primeiro período é notório a ausência da significação da sexualidade, com fundamentos alicerçados nos pressupostos religiosos, o prazer é limitado, onde se observa que somente o homem era privilegiado a gozar das sensações sexuais fornecidas pelo nosso corpo e psique, momento em que a sociedade de patriarcado tem total força de intervenção nas formas de vivência dos indivíduos, determinando regras e condenações para o comportamento sexual.

Ribeiro (2004) continua sua análise da educação sexual escolar no Brasil, partindo agora para o segundo momento, este período, para o autor, é correspondente ao século XIX. Ribeiro aponta que "controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica" (RIBEIRO, 2004, p. 17).

Percebe-se que tanto o primeiro quanto no segundo período, definidos pelo autor Ribeiro, há o controle do comportamento sexual dos indivíduos, onde são ditadas regras sobre as práticas sexuais, regras condenadoras e silenciosas. E neste segundo momento que também é marcado pela limitação da sexualidade, sendo uma continuidade de concepção acerca da sexualidade, que provém do Brasil Colônia, porém neste período encontra-se a moral médica, onde se tem regras e condutas normalizadas pela comunidade médica.

Continuando com a linha de análise Ribeiro (2004), o terceiro momento acontece nos primeiros anos do século XX, onde ocorre em grande massa, principalmente nos anos de 1920, a publicação de livros por professores, sacerdotes e médicos, abordando sobre a sexualidade e as práticas sexuais, estes livros publicados eram de caráter principal de orientação sexual para os indivíduos.

Conforme Ribeiro (2013), no início do século XX a educação sexual escolar no Brasil começa a conquistar espaço dentro dos debates e discussões educacionais, este momento é considerado pelo autor como resultado da influência do século XIX com as perspectivas medico-higienista sobre a sexualidade e as práticas sexuais.

Ainda sobre este marco, as discussões e debates sobre educação sexual era pautada ao combate das doenças que são sexualmente transmissíveis, a masturbação e ao papel da mulher, no caso o debate sobre o papel da mulher, surgiu através da preocupação da "nova ordem médica" e a "norma familiar", que tinham como preocupação principal o papel social da mulher, a qual passa a ser designada a cuidar do bem estar dos seus filhos, cuidando tanto da saúde quanto da educação dos seus filhos. (COSTA, 1991; RIBEIRO, 2013; SILVA, 2002).

Figueiró (1998) apresenta a situação da educação sexual no Brasil nos anos de 1920-

1930, apontando as iniciativas de educadores e médicos em defesa de uma educação sexual nas escolas brasileiras, nas referidas décadas movimentos de defesa da educação sexual no nosso país começa a ganhar espaço, sob a influência da modernização dos saberes que já se via nos estados europeus.

Entretanto, de acordo com Silva (2002), a educação sexual escolar no Brasil se apresenta ainda como caráter biológico, assim, a preocupação sobre educação sexual nas escolas ganha um discurso com base nos modelos de higienização com foco somente nas figuras físicas do sexo. Figueiró (1998), diante do discurso biológico sobre a educação sexual nas escolas do Brasil, afirma que os defensores educadores e médicos, surgem com a intenção da melhoria da saúde, principalmente da mulher, porém, Figueiró (1998) também afirma que estas iniciativas, não tinham a intenção de transformar as posições sociais do papel da mulher perante a ordem patriarcal e tradicional da vigente sociedade.

O autor continua sua análise sobre a situação do discurso sobre a educação sexual nas escolas brasileiras, afirmando que ao contrário de um discurso emancipatório de educação sexual, as intenções se baseavam tanto no aspecto biológico quanto o moral, o autor também pontua que as iniciativas dos defensores da educação sexual no nosso país, eram movidas pela crença de que com a educação sexual seria evitado a [...] perversão moral", as "psicoses sexuais" e assegurar a "saudável reprodução da espécie (BRUSCHINI; BARROSO, 1986 apud FIGUEIRÓ, 1998, p. 124).

No entanto, Ribeiro (2013) aponta que ainda na década de 1920, ocorria o movimento feminista, este liderado por Bertha Lutz, a ativista feminina tinha o objetivo da implantação da educação sexual nas escolas com a finalidade de proteção á maternidade e a infância, um motivo de cunho político bastante divergente das intenções de outros defensores da educação sexual com base somente nas concepções de saúde higiênica.

Figueiró (1998), apresenta a primeira tentativa de iniciativa da educação sexual em uma instituição de ensino Batista, localizada no Rio de Janeiro, a inclusão de projetos sobre a educação sexual na referida instituição foi uma experiência que se sucedeu por alguns anos, e no ano de 1934 o educador incumbido do projeto foi demitido.

Para o entendimento deste fato, a autora Rosemberg (1985) aponta que [...] a Igreja Católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60, para que a Educação Sexual formal não penetrasse no sistema escolar brasileiro (ROSEMBERG, 1985, p. 12).

Rosemberg (1985), destaca a grande posição de poder decisivo sobre o sistema educacional da época exercido pela Igreja Católica. Com o poder de decisão sobre vertentes

educacionais do Brasil, a Igreja Católica se apresenta repressora no que diz respeito a educação sexual escolar no país, reprimindo e condenando qualquer ação ou manifestação referidos ao tema, tanto dos defensores da temática e os estudantes que apresentam atitudes sexuais dentro das instituições de ensino controladas pela Igreja Católica.

Apresentando sobre a concepção que a Igreja Católica tem em relação ao sexo, a autora Chauí (1984), diz que a referida instituição religiosa acredita que o sexo está totalmente ligado ao pecado, sendo condenável aos olhos do que é ser divino, o sexo traz a morte do homem, o sexo na visão da Igreja Católica deve ser concebido como castidade e renúncia pelo homem. Já com vistas a constituição do casamento, a Igreja Católica considera este matrimônio como um "mal menor", onde este ato só existe porque o homem não consegue permanecer na sua pura essência de virgindade, o casamento neste ponto é uma alternativa amenizadora do pecado do sexo.

Chauí (1984) destaca as concepções do tão conhecido e renomado Santo Agostinho sobre o desejo do saber, ou seja, a curiosidade a pratica sexual [...] donde a necessidade de conter a curiosidade, tanto dos olhos como do intelecto, preparando, com isso, a ação repressiva que o cristianismo iria exercer sobre o desejo de conhecimento [...] (CHAUÍ, 1984, p. 96).

Entende-se com esta colocação, que quando o indivíduo não ver, não imagina sobre e por isso, não cria a curiosidade de saber sobre a temática tão repressiva pela Igreja Católica. A autora Chauí (1984), aponta que esse pensamento do cristianismo sobre a educação sexual nas escolas, está fundamento na passagem bíblica em que Eva e Adão pecam e são expulsos do paraíso, devido ao contato deles com a árvore do conhecimento, isto é, quando o ser humano não tem conhecimento e contato com a educação sexual, ele não terá a curiosidade que o levará ao pecado, haja vista que a pratica sexual e o próprio conhecimento sobre sexo, é condenável as vistas dos religiosos.

Sobre as análises argumentativas de Rosemberg (1985) em relação a educação sexual nas escolas brasileiras, apesar de haver uma forte repressão dessa temática por parte do cristianismo, a sexualidade e educação sexual ainda tinha espaço nos discursos educacionais, entretanto a sexualidade estava sendo propagado com um discurso característico à reprodução humana, sendo sempre pautado de acordo com as ordens da Igreja, a qual considera a sexualidade um mal pecaminoso.

Embora a Igreja possuísse poder de decisão política sobre a educação nas escolas brasileiras, nos primeiros anos do século XX, ainda se tinha defensores da educação sexual nas escolas que não estavam ligados e não concordavam com as concepções religiosa do

cristianismo sobre a sexualidade (REIS e RIBEIRO, 2004).

Ocorre uma mudança significativa sobre a situação da educação sexual nas escolas, e a concepção da sexualidade por parte da instituição religiosa quando há uma mudança de visão e compreensão sobre a sexualidade de algumas organizações religiosas, isso aconteceu depois do Concílio Vaticano II.

A autora Rosemberg (1985) cita uma frase do Frei Eliseu Lopes, sobre uma nova significação imputada a sexualidade, com vistas a criação divina [...] o homem é imagem de Deus não apesar do sexo, mas imagem de Deus graças ao sexo (LOPES, 1967 apud ROSEMBERG, 1985, p. 13).

Chauí (1984), argumenta esse novo posicionamento da Igreja sobre a sexualidade. Criticando a Igreja, afirmando que esta instituição religiosa toma esse posicionamento devido ao jogo político, com a intenção de valorizar o amor para se estabelecer a valorização da família e que a Igreja toma esse partido devido aos movimentos sociais que surgiam em crítica a família burguesa, esses movimentos eram ameaças para os objetivos da Igreja.

Autores como Ribeiro (2004), Rosemberg (1985), Pinheiro (1997) e Bedin (2016) consideram a partir da década de 1960 o quarto momento da educação sexual escolar no Brasil. Devido as transformações políticas, sociais e culturais, programas de educação sexual começam a serem implementados em algumas escolas brasileiras.

Com o foco agora no momento político que o Brasil passa na década de 1960, o autor Pinheiro (1997) afirma a grande instabilidade política que o país estava passando, onde se encontra a interferência das forças armadas nas decisões políticas do Brasil. Sabe-se que no ano de 1964 houve o marco histórico do Golpe de Estado.

Entretanto Pinheiro (1997), destaca que antes do acontecimento do Golpe de Estado, ainda se tinha uma atmosfera de liberdade de expressão por parte da imprensa, além de grandes movimentos estudantis, como outros movimentos de representativas da época, como no aspecto internacional se tinha os movimentos feministas se propagando por todo o mundo e ganhando cada vez mais espaço entre a juventude da época.

No aspecto cultural, Pinheiro (1997) destaca a influência do estilo musical para a intensificação dos movimentos sociais, principalmente no Brasil, onde o “rock in roll” surge como um conteúdo de intensa crítica social, sendo este movimento grande influência para a juventude brasileira. Com a ascensão desses movimentos sociais, em que se havia grande oposição aos padrões sociais da época, a educação sexual nas escolas se intensifica, pois, de acordo com Bedin (2016), o entendimento sobre a educação sexual se torna favorável na década

de 1960.

Figueiró (1998), também afirma que no Brasil houve um considerável crescimento de curiosidade de discussão sobree a educação sexual. Bedin (2016), continua essa análise, acrescentando que esse aumento do desejo de saber mais sobre a educação sexual e se discutir educação sexual, foi devido aos primeiros sexólogos do Brasil, e aos autores de obras que discorriam sobre a educação sexual, que tiveram sua existência nas décadas anteriores, um dos pioneiros sexólogos que o autor Bedin aponta como importante para a intensificação da discussão sobre a educação sexual é José de Albuquerque, e tendo como um dos autores de obras das décadas passadas, o autor Bedin destaca Imídio Giuseppi Nérici.

Deste modo, apesar do Golpe de Estado no Brasil, ainda nos anos antes a este marco, durante o regime militar se seguindo até a metade da década de 1960, surgem iniciativas pedagógicas sobre a sexualidade nas redes de ensino no Brasil, entretanto, tais iniciativas ainda eram de caráter experimental sobre a educação sexual nas escolas brasileiras, se destacando entre os estados brasileiros em que foram desenvolvidos esta experiência, o Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (FIGUEIRÓ, 1998; RIBEIRO, 2004, 2013; ROSEMBERG, 1985).

No entanto, ainda no período do Golpe de Estado, houve um retrocesso na implantação dos projetos de educação sexual nas escolas. O regime militar com uma política de forte repressão atinge negativamente a condução dos projetos de educação sexual. O contexto político do Brasil ao final da década de 1960 é marcado pela limitação da autonomia do indivíduo em sua liberdade de expressão (FIGUEIRÓ, 1998; RIBEIRO, 2004, 2013; ROSEMBERG, 1985; SILVA, 2002).

De acordo com Figueiró (1998), no contexto político do Brasil ao final da década de 1960, em que se predominava a defesa aos planejamentos da família em prol a natalidade, e com forte repressão política, os professores da rede de ensino passam a serem proibidos de instruir os alunos sobre os métodos contraceptivos, e sobre controle de natalidade FIGUEIRÓ, 1998).

No ano de 1968, na Câmara dos Deputados é apresentado pela deputada Júlia Steinbruck (MDB-RJ) um projeto de lei que tinha como proposta a inserção necessária e indispensável da educação sexual na grade curricular do primeiro e segundo grau de ensino. Após recebimento de um parecer favorável sobre o projeto de lei, depois de ter passado pelas tramitações burocráticas, em 1970, o Ministério da Educação envia para a Comissão Nacional de Moral e Civismo, o projeto de lei da deputada Júlia Steinbruck (MDB-RJ).

Na Comissão Nacional de Moral e Civismo o projeto é barrado, ao encontrar três pareceres contrários à proposta de inserção da educação sexual obrigatória nos currículos do primeiro e segundo grau. Estes três pareceres contrários provinham dos conselheiros consultados, que eram o almirante Benjamim Sodré, o general Moacir Araújo Lopes e o padre Francisco Leme Lopes.

Rosemberg (1985, p. 14), destaca um trecho do parecer feito pelo Almirante Benjamin Sodré, que foi publicado pelo jornal o Estado de São Paulo, no ano de 1970, o mesmo diz:

> [...] Não ensinar materialmente como a procriação procede para o homem e para a mulher, mas antes exaltar o que caracteriza o sexo masculino, caráter, coragem, responsabilidade, força, proteção, respeito e amor, que, sem egoísmo, mais dá do que recebe; e o sexo feminino: a delicadeza, a bondade, a pureza, a confiança, indo até a doação, ao casamento, à maternidade (ROSEMBERG, 1985, p. 14).

A autora continua a destacar que neste período político, na imprensa era se propagado com bastante intensidade os pareceres dos Conselheiros da Comissão Nacional de Moral e Civismo, conjecturando dessa forma, o posicionamento oficial de contrariedade aos discursos sobre sexualidade e debates de implementação de educação sexual nas escolas do país. Conforme os apontamentos da autora Rosemberg (1985), com a divulgação das considerações e posicionamentos dos conselheiros aqui referidos e com a rejeição do projeto de lei da deputada Julia Steinbruck (MDB-RJ) as experiências que ainda existiam sobre educação sexual nas escolas do Brasil foram barradas.

Figueiró (1998), aponta que este momento em que houve a repressão das discussões sobre a educação sexual e consequentemente um freio nas experiências da implementação da educação sexual nas escolas do país, educadores da rede de ensino temiam represálias políticas agressivas de autoritarismo.

Assim, em 1969, com a deliberação do *Ato Institucional nº 5*, com a repressão política vigente, o Ministério da Justiça surge com o decreto de censura, a qual a autora Rosemberg destaca em trecho, que "[...] todo texto contrário à moral e aos bons costumes" (ROSEMBERG, 1985, p. 13).

Rosemberg (1985) afirma que a sexualidade ainda era vista como perversão e depravação, e com o vigente contexto político, a sexualidade passa a ser objeto de perseguição, investigações e forte repressão, estes atos aconteciam devido à questão polêmica que a sexualidade é considerada, principalmente quando associada à educação sexual das crianças e ou adolescentes. Assim, durante o regime militar no Brasil se tinha o teor de ideal moralista e

autoritário, que atravessava todo o sistema educacional brasileiro, esses ideários ainda eram enraizados ainda pelas concepções religiosas e militaristas (Rosemberg, 1985).

No ano de 1976, o Brasil tem uma posição oficial sobre a educação sexual, a conselheira Edília Coelho Garcia posiciona a educação sexual de responsabilidade da família, sendo a rede de ensino desprovida de responsabilidade educacional de sexualidade, não tendo a educação sexual como prioridade em sua conjectura curricular da rede de ensino. Rosemberg (1985), apresenta o apontamento de Werebe (1978), em que, apesar desse posicionamento oficial e das repressões políticas sobre as discussões de educação sexual nas escolas brasileiras, ainda havia o desenvolvimento de alguns programas sobre sexualidade nos anos iniciais da década de 1970.

Pinheiro (1997) e Silva (2002) apontam que, ainda que na conjuntura da Ditadura Militar houve um marco para o progresso da implementação da educação sexual no sistema educacional. Em 11 de Agosto de 1971, com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases, com a Lei nº 5.692, foi elaborado o Programa de Saúde. Com base no Parecer nº 2.264, a qual estimula a inserção da educação sexual somente no segundo grau de ensino, trabalhando com conteúdos e materiais sobre a educação sexual e a saúde.

Rosemberg (1985), ainda vem a discorrer sobre o processo dos estudos sobre a educação sexual no período de pós Ditatura Militar, a autora aponta que nesse período houve uma carência de estudos, pesquisa e análises sobre a educação sexual. Assim, justificando essa consequência de pós Ditatura Militar sobre a sexualidade na educação, devido a situação política vigente de censura, a qual a autora apresenta como uma das consequências também o desaparecimento dos registros feitos sobre as experiências de programas sobre educação sexual nas escolas.

Entretanto, no ano de 1978, Rosemberg (1985), aponta esse momento marco para a educação sexual, haja vista que nesse momento houve a abertura política no Brasil, o que ocasionou o relaxamento da censura, fazendo surgir estudos sobre a educação sexual. Assim, após a abertura política, o autor Ribeiro (2004), aponta este período como o quinto momento da educação sexual no nosso país, neste quinto momento há o marco significativo das intervenções dos órgãos públicos no que diz respeito a implementação de projetos de educação sexual nas escolas.

Rosemberg (1985) ainda apresenta que neste ano de 1978, com o declínio da Ditatura Militar, acontece o I Congresso sobre a Educação Sexual nas Escolas, e como consequência deste I Congresso, as discussões públicas sobre a educação sexual ganham mais espaços nas

escolas, assim como também ênfase nas mídias, assim atingindo grandes proporções da população ao se falar e ouvir sobre sexualidade.

Assim, ao final da década de 1970, as discussões sobre a sexualidade traziam consigo mudanças, e dentre essas mudanças se encontra as atitudes de preconceitos e questionamentos sobre os tabus, as condutas conservadoras e o comportamento sexual. Segundo Pinheiro (1997), nesse período a mulher ganha maior espaço no trabalho, assim como também maior liberdade em seu comportamento sexual devido a disseminação da pílula anticoncepcional. Ribeiro destaca que com fraqueza da censura no Brasil, há o ressurgimento do interesse pela educação sexual motivado:

> [...] pelos movimentos feministas, pelos movimentos de controle populacional, pela mudança no comportamento sexual do jovem, principalmente devido à pílula como método anticoncepcional, e também pelo avanço da medicina no controle das doenças sexualmente transmissíveis (RIBEIRO, 2013, p. 12).

Ainda sobre os avanços da educação sexual no Brasil, o autor Pinheiro (1997) aponta que apesar de se ter um ambiente livre sexualmente, na década de 1980, ainda havia um ambiente de conflito, os jovens se encontravam perdidos, de um lado a uma recente liberação e do outro ainda se tinha comportamentos e condutas conservadoras. Devido ao surgimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), há um forte debate em pensar a sexualidade como assunto social, fazendo surge a necessidade de uma educação com vistas a essa temática (PINHEIRO, 1997; SILVA, 2002).

Assim, diante a esse cenário de liberdade com a abertura política, surge então a construção de projetos sobre educação sexual nas escolas brasileiras, com foco nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda na década de 1980, eventos de debates sociais tem como temática a abordagem da educação sexual levando o público a ouvir e falar sobre a necessidade de se estudar sobre a sexualidade (PINHEIRO, 1997; SILVA, 2002).

E como um dos eventos mais marcantes da década de 1980, se tem uma roda de debate, a qual é posto em roda debate a temática da sexualidade na educação escolar, com a roda teve como título: Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? As participantes Maria Rita Kehl, Maria José Werebe e Marilena Chauí, que compunham a mesa da roda de debates lançaram questionamentos sobre a educação sexual problematizando esta temática:

> Cabe perguntar, neste momento, para que, ou para quem servirá a educação sexual. [...] A educação sexual pode, por exemplo, limitar-se a transmitir unicamente informações de caráter biológico, como a anatomia e a fisiologia do aparelho

> reprodutor; pode também se restringir a uma abordagem meramente ‘preventiva’ [...] pode ainda ser o veículo apregoador de atitudes repressivas em relação ao sexo [...] Mais importante, porém, é que a educação sexual poderá vir a ser invocada como um veículo que poderá incutir nos jovens atitudes e conhecimentos que os levariam a um comportamento reprodutivo adequado à política demográfica, que parece estar prestes a ser implantada pelo Governo (CHAUÍ; KEHL; WEREBE, 1991, p. 100).

Desse modo, tais autoras levantam à mesa a problematização da educação sexual, levando o público alvo a refletir sobre essa temática, não dando limitações especificas sobre a sexualidade, mas inferindo que a sexualidade é temática social necessária de reflexão para se ter atitudes condizentes com as reais e verdadeiras intenções de se estudar a sexualidade nas escolas brasileiras.

Segundo Pinheiro (1997) e Ribeiro (2004) no que diz respeito a esfera de conhecimento e estudos sobre a educação sexual, nos anos de 1980 ao ano de 1998, no Brasil surge diversos eventos sobre a temática sexualidade, além de publicações de obras literárias sobre a educação sexual. Surge no país também a realização de projetos e programas de educação sexual nas escolas brasileiras, iniciativas que partiam dos órgãos públicos, surge também programas em algumas cidades do Brasil, como em Campinas e São Paulo, que abordam a capacitação dos professores para se trabalhar a orientação sexual em sala aula.

Diante disso Ribeiro (2004), aponta que no ano de 1996, com o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) a educação sexual teve seu reconhecimento oficial, a qual indica a importância e necessidade para o ensino, e consequentemente para a sociedade. O autor Ribeiro (2004) aponta esse momento como o sexto momento da educação sexual no Brasil.

Assim sendo, se torna perceptível que, ao longo da história da implementação da educação sexual nas escolas do Brasil, houveram grandes marcos significativos indicando progresso, e outros momentos onde o cenário era de retrocesso. Entende-se que a implantação da educação sexual nas escolas brasileiras, foi um processo lento e gradual, sabendo, no entanto, que a educação sexual nas escolas do Brasil de hoje, ainda é vista com olhares e condutas polêmicas e preconceituosas, ainda se existe os pensamentos enraizados no conservadorismo.

E diante disso, para um melhor entendimento sobre implementação da educação sexual nas escolas brasileiras, é necessária uma abordagem sobre os conteúdos de educação sexual presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

3.2 Parâmetros Curriculares e a Sexualidade

Os Parâmetros Curriculares Nacionais têm como princípio fundamental buscar a

formação integral do indivíduo (NUNES e SILVA, 2006). De acordo com o documento este foi elaborado para auxiliar o professor nas ações de reflexão e discussão sobre as práticas pedagógicas, ofertando diversas possibilidades a serem utilizadas pelo profissional educador diante as realidades escolares. Em sua introdução o documento objetiva ser relevante contribuindo significativamente para que ocorra transformações no que diz respeito a conjectura educacional brasileira (BRASIL, MEC, 1993).

Ao se referir aos Parâmetros Curriculares Nacionais, os autores Nunes e Silva (2006) apontam que por buscar a formação integral dos indivíduos eles entendem como:

> [...] aquela formação plena que integra áreas diferentes do conhecimento. Entendemos "integrar" como articular criticamente informações e saberes diversos buscando o grau de pertinência, convergência e ao mesmo tempo, possíveis divergências das informações e conhecimentos acumulados pela trajetória histórica da humanidade, que possam fundamentar um saber teórico-prático favorecendo a emancipação do indivíduo, isto é, a auto capacitação de conhecer o seu contexto sociocultural, econômico e político (NUNES e SILVA, 2006, p. 62).

Entender o conceito de "integrar", nos remete a capacidade do ser humano de, em frente a um problema ter uma conduta com princípios morais, sabendo identificar e resolver as diversidades de forma ética diante a sociedade e diante a si mesmo. Dessa forma, entende-se os objetivos ao serem alcançados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, haja vista, que se almeja a formação integral dos indivíduos, sabe-se que a conduta ética e moral é necessária pra este fim.

Com a proposta de formar indivíduos sociais de maneira integral, os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem uma organização de conhecimento escolar, traçando as áreas de conhecimento e os temas transversais, destacando assim as diferentes áreas de conhecimento, assim como os conteúdos presentes em cada área, e apresentando também os temas transversais sociais necessários de abordagem na prática pedagógica escolar (BRASIL, MEC, 1993).

Sabendo-se que as áreas de conhecimento são as disciplinas que compõem o currículo escolar dos ciclos de ensino. e por temas transversais, os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelece a: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Estudos Econômicos e Orientação Sexual. E com vistas a formação integral, todos esses temas transversais estão voltados para a dignidade da pessoa humana, e as questões de cidadania, a colaboração de responsabilidade pela vida social e a participação ativa na sociedade.

O sistema educacional brasileiro foi marcado por grandes avanços e retrocessos no que tange ao ensino e aprendizagem em nosso país, e a oficialização do documento de Parâmetros

Curriculares Nacionais, é símbolo que marca um avanço educacional frente as políticas públicas do Brasil sobre a educação escolar. Este documento traz consigo a concepção de escola social, designando a escola também como responsável pela formação cidadã do indivíduo, no que diz respeito as ações de condutas éticas e morais (NUNES e SILVA, 2006).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, desse modo, consideram a escola como um grande agente formador, mas detentor de um importante papel social na sociedade (BRASIL, MEC, 1993). Observando a estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é perceptível o tom de orientação que este documento apresenta, também propondo metodologias de abordagem pedagógica sobre os conteúdos devidos trabalhados no ambiente escolar, servindo de impulso para o educador de refletir sobre novas metodologias cabíveis a serem efetuadas em sala de aula de acordo com a exigência disciplinar de cada conteúdo.

Sendo bastante notório, ao decorrer do documento, o caráter de priorização ao respeito diante as diferenças, servindo-se de instrumentos com vistas á construção e elaboração de projetos sociais os Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com Nunes e Silva (2006), acabam por desmoronar quando estes impulsos e orientações presentes no documento não tem o essencial para a execução efetiva e qualitativa nas escolas brasileiras, que é a base de sustentação para a execução do projeto. Os autores se direcionam aos PCN's, como almejado, mas não alcançado, haja vista que, justificam os autores, não se tem a ponte para alcançar o que se idealizada no documento. O documento em muitos momentos, acaba por ser apenas papel (NUNES e SILVA, 2006).

No que tange a sexualidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam a sexualidade como um dos temas transversais a ser trabalhado nas escolas brasileiras. A concepção de transversal e a sexualidade como tema transversal será melhor detalhado no próximo tópico deste capítulo. Voltando para a sexualidade e os PCN's, é necessário considerar a distinção que o documento apresenta sobre os conceitos de corpo e organismo.

No dito documento, o corpo é considerado [...] como um todo integrado de sistemas interligados e que [...] inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo (BRASIL, MEC, 1993, p. 317).

Sobre o organismo, o documento conceitua este como [...] aparato herdado e constitucional sobre a infraestrutura biológica dos seres humanos [...] (BRASIL, MEC, 1993, p. 317).

O documento volta ao conceito de corpo o definindo com relação "[...] às

possibilidades de apropriação subjetiva de toda a experiência na interação com o meio" (BRASIL, MEC, 1993, p. 317). Trazendo um pensamento sobre a concepção de corpo seguindo a linha de pensamento filosófico ocidental, onde desde a Antiguidade Grega ao mundo moderno, o corpo ganha espaço de discussão para sua compreensão e existência (NUNES, 1993).

Com o objetivo de compreender a concepção de corpo de acordo com o pensamento filosófico ocidental no mundo da modernidade, o autor Nunes (1993), busca compreender a concepção de corpo em critica a exploração do trabalho na sociedade capitalista, que como apresenta o autor para a compreensão da filosofia-antropológica na modernidade, sobre a alienação e a sociedade capitalista que na visão de Marx o corpo se transforma em uma mercadoria a ser expropriado.

Porém Nunes vem defender a concepção de corpo, o concebendo como:

> [...] uma corporeidade essencialmente humanizada, consciente de si e de seus potenciais meios de produzir coisas reais e sensíveis num mundo real feito para todos os homens. Os corpos dos homens livres, libertos de toda forma de expropriação e reconhecedores do que podem produzir e socializar entre seus pares e semelhantes as mais criativas originais formas de expressão. Um corpo que recusa ser mercadoria e que busca constituir-se além do "reino da necessidade", com as quais garantimos unicamente nossa sobrevivência material, mas um corpo projetado para ser signo de liberdade, para novas e plenas formas de espiritualização da paixão humana. Este corpo, carregado de signos sociais de exploração, anseia superar as condições materiais que o dilaceraram e fazem padecer, para alcançar e engendrar outra plenitude numa nova materialidade (NUNES, 1996, p. 105).

Assim, percebe-se que a definição de corpo que os PCN's apresentam, é rasa se for em busca de compreender mais a fundo sobre a concepção de corpo de acordo com as culturas e historicidade da sociedade filosófica ocidental. Conceber o corpo e o organismo, apenas como um todo em que estão interligados sentimentos e emoções com sensação de prazer ou desprazer, sendo sujeito a passar por transformações durante o tempo, e limitando o organismo a concepção biológica dos seres humanos, é limitador para a ação e compreensão do pedagogo em suas atividades didáticas escolares trabalhando sobre o esclarecimento da sexualidade.

Sobre a sexualidade presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, esta temática se apresenta no documento como transversal de tema "Orientação Sexual". Como já referido aqui o documento como um todo apresenta um tom de respeito diante as diferenças, respaldando-se nos direitos humanos, visando o alcance do respeito as diversas expressões da sexualidade na sociedade, seja de forma coletiva ou individual, expressando assim uma preocupação profunda sobre a cidadania e a garantia dos direitos humanos.

Dessa forma, o PCN's apresenta os conteúdos que devem ser trabalhados de maneira transversal nas escolas brasileiras relacionados ao corpo.

> - As transformações do corpo do homem e da mulher nas diferentes fases da vida envolvendo emoções, sentimentos e sensações ligadas ao bem estar e ao prazer do autocuidado;
> - Os mecanismos de concepção, gravidez e parto e a existência de métodos contraceptivos;
> - As mudanças decorrentes da puberdade: amadurecimento das funções sexuais reprodutivas; aparecimento de caracteres sexuais secundários; variação de idade em que inicia a puberdade; transformações decorrentes de crescimento físico acelerado;
> - O respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro;
> - O respeito aos colegas que apresentam desenvolvimento físico emocional diferente;
> - A tranquilidade na relação com a sexualidade (BRASIL, MEC, 1997 c, p. 143).

Percebe-se que a temática de "Orientação Sexual", assume um tom de educação para a saúde, esta preocupação sobre a saúde sexual das crianças e adolescentes está voltada para as ocorrências dos casos de AIDS/DST (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida/ Doença Sexualmente Transmissível) cada vez maior no Brasil e no mundo. E como referido no tópico anterior sobre a educação sexual escolar no Brasil, sabe-se que devido ao surgimento da AIDS, e a explosão de casos presentes no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, houve um forte debate sobre a implementação significativa de educação sexual nas escolas brasileiras.

Os conteúdos apontados no Parâmetros Curriculares Nacionais têm principalmente o aspecto de informações referentes a anatomia humana, trabalhando também com o procedimento de continuidade educacional sobre a Orientação Sexual. O documento, dessa forma, apresenta uma estrutura sobre a orientação sexual como tema transversal a ser trabalhada nas escolas brasileiras como continuidade de caráter atitudinal, priorizando as distinções de fases escolares dos alunos e alunas (BRASIL, MEC, 1997).

No que se refere a educação sexual das crianças, o documento indica que no 1ºe 2º ciclo, que corresponde aos primeiros cinco anos do ensino fundamental (1º ao 5º ano), os conteúdos a serem trabalhados de maneira transversal sobre a orientação sexual é o conhecimento e reconhecimento dos órgãos sexuais que abrangem a reprodução humana, assim como as zonas erógenas apresentados externamente na anatomia humana.

O documento também orienta se trabalhar nesse período de aprendizagem da criança a distinção dos sexos masculino e feminino, assim como as relações entre as expressões corporais e as emoções. E para dar continuidade ao trabalho pedagógico se faz necessário uma abordagem mais profunda sobre a puberdade, as transformações corporais, de sentimento, emoções e sensações da criança e adolescente nesse período, destacando os aspectos, sociais,

biológicos e psicológicos.

No que se refere a sexualidade, os Parâmetros Curriculares nacionais, organizam uma estrutura de propostas pedagógicas curricular com uma listagem de sugestões de conteúdos, temas a serem abordados e trabalhados com os alunos e alunas. Tais sugestões presentes no documento assumem sempre uma tonalidade de respeito, com buscas a assegurar uma vivência significativa da sexualidade com tranquilidade, de forma ética responsável e prazerosa, sempre ressaltando o respeito sobre as diferenças, com valorização do indivíduo e as diversas expressões da sexualidade (NUNES E SILVA, 2006).

Entretanto, como visto no conteúdo a ser trabalhado nas escolas brasileiras nos 1º e 2º ciclo do ensino fundamental, a Orientação Sexual como tema transversal limita-se somente as concepções biológicas de reprodução e anatomia humana, com face a moralização e ética social, destacando o respeito as diversas expressões da sexualidade, porém apresentando embaraços sobre a própria sexualidade humana, focando apenas no biológico, sendo assim, privativo e limitante para os professores estabelecerem um diálogo sobre a sexualidade com os alunos, haja vista que a sexualidade no documento é limitada ao biológico, onde não se trabalha a sexualidade ao seu próprio nível de compreensão da palavra.

A sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais é marco simbólico do avanço educacional brasileiro, porém o documento é limitador, com orientações superficiais para os educadores, se o objetivo é formar um indivíduo integral, ativo na sociedade, por que as sugestões e os indicadores sobre a temática sexualidade é apresentada de forma a ser trabalhada apenas no aspecto biológico e anatômico humano?

Por que a temática sexualidade é tratada de forma fragmentada nos ciclos escolares? Formar um indivíduo integral é o objetivo, mas por que não trabalhar a sexualidade da forma integral que deve ser trabalhada nas escolas, buscando abordar a sexualidade com seu aspecto histórico, cultural e social?

Sendo válido ressaltar que o documento não apresenta indicações de abordagem sobre a orientação sexual na educação infantil.

3.3 Conceito de Transversalidade e a Sexualidade.

Como já referido no tópico anterior, a sexualidade é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como uma temática a ser abordada de forma transversal nas escolas brasileiras. Aqui faz se necessário a compreensão sobre o conceito de transversalidade, para maior entendimento sobre a sexualidade como tema transversal.

Os autores Nunes e Silva (2006), trazem uma explicitação sobre conceito de transversalidade dos temas apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

> [...] do sentido literal da expressão "transverso ou transversal" temos o significado de oblíquo ou ainda do que passa transversalmente – que atravessa. Então a transversalidade destes temas configura-se na característica de perpassarem o conjunto de matérias curriculares. De acordo com os parâmetros em questão esses temas não se constituem em disciplinas e, sim, em abordagens específicas dentro destas disciplinas (NUNES e SILVA, 2006, p. 63).

Os temas transversais tratados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, serviriam para uma maior colaboração para a integração e ampliação dos conhecimentos que são aplicados por meio da incorporação interdisciplinar. Isto é, os temas transversais seriam abordados por todas as disciplinas curriculares, conforme a área de conhecimento de cada disciplina se incorporaria os temas transversais.

Sobre a compreensão dos temas transversais, novamente os autores Nunes e Silva vem a dialogar:

> Os temas transversais são conteúdos de valor formativo que perpassam as disciplinas curriculares de maneira a articular entre si conteúdos e atitudes e ampliar os conhecimentos advindos dos conteúdos trabalhados a partir do currículo escolar. Nas melhores medidas a intenção é que estes temas se transformem no eixo das áreas temáticas das disciplinas, fazendo com que os programas de estudo tenham como princípios fundamentais a contemplação de marcos objetivos sociais da cidadania (NUNES e SILVA, 2006, p. 63).

Assim, compreende-se que a transversalidade, e os temas transversais, não devem ser considerados como disciplinas, mas que estes temas deveriam ser complementares de colaboração para o desenvolvimento das disciplinas escolares com vistas a formação integral do indivíduo. Entretanto, os autores Nunes e Silva (2006) apontam que a metodologia indicada nos Parâmetros Curriculares Nacionais para se abordar os temas transversais, podem em meio a realidade escolar se tornar discrepante e fragmentada nas disciplinas.

No documento base que foi preparado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), há uma introdução sobre o conteúdo da transversalidade, onde se encontra a referência para a conceitualização dos temas transversais.

> [...] Não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalizados nas áreas definida, isto é, permeando a concepção, os objetos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas, a fim de que haja uma coerência entre os valores

> experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual com tais valores (MEC/BRASILIA, vol. I: 1997, p. 64).

Compreende-se que nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a questão dos temas transversais, principalmente, o tema denominado de Orientação Sexual, deve está pautado nos direitos cidadãos, com fundamento primordial na conduta ética dos valores humanos, com vistas as vivências da atualidade e a significação social, cultural e política de cada tema transversal.

A Orientação Sexual como tema transversal se forma diante os PCN's, como um elemento multiplicador de contribuição significativa para combater a violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres em geral, assim como um constituinte de utilidade social a ir contra a qualquer tipo de resistência e repressão à sexualidade (NUNES e SILVA, 2006).

Os autores Nunes e Silva (2006), continuam a dialogar sobre a compreensão da transversalidade e da educação como tema transversal presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, porém com vistas a um apontamento sobre a sexualidade no currículo e o avanço da necessidade desta temática no universo do currículo escolar:

> A transversalidade do tema sexualidade está principalmente na característica da complexidade e da abrangência do tema. A atenção curricular á sexualidade humana é uma conquista que demorou para se efetivar, talvez ainda não estejamos vivendo a melhor forma de abordagem da sexualidade através da transversalidade, mas este é com certeza, um momento histórico importante para nos aproximarmos de algo mais efetivo, no sentido e direção de uma educação sexual emancipatória (NUNES e SILVA, 2006, p. 65).

O diálogo apresentado pelos autores Nunes e Silva sobre, principalmente, a sexualidade e a transversalidade dessa temática vêm apontar a amplitude e a profundidade do que é a sexualidade, nos levando a compreender que trabalhar de maneira transversal a sexualidade não é o ponto de chegada, isto é, abordar a temática da sexualidade como tema transversal acaba por limitar a própria sexualidade e a educação sexual.

Ainda presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), sobre a forma de trabalho pedagógico da temática Orientação Sexual a ser abordada de maneira transversal nas escolas públicas brasileiras, o documento enfatiza duas linhas gerais de abordagem organizacional da atividade pedagógica diante a orientação sexual:

> O trabalho de Orientação Sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extra programação sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (PCN/MEC, 1997, p. 129).

Com vistas a orientação da sexualidade o documento continua a apresentar indicando que o trabalho pedagógico para se abordar a sexualidade deve ser na direção de uma aprendizagem processual com desenvolvimento humano em todos os aspectos, sociocultural, tanto econômico quanto político, além da integralidade do desenvolvimento psicofísico dos educandos. Orientando por fim, que esta abordagem deve se suceder de forma direta, sistemática e simples.

Sobre as características da transversalidade, os autores Nunes e Silva (2006), destacam que:

> Uma das características de afirmação da *transversalidade* da proposta consiste em afirmar a tese de que os professores de todas as áreas possam trabalhar o tema. Sendo assim a exigência é ainda maior em relação a formação com substrato científico e humanístico para a eficiência do trabalho a ser desenvolvido, inclusive pelo número de pessoas que poderão estar colaborando com esta nova proposta (NUNES e SILVA, 2006, p. 68).

Neste ponto, se faz necessário uma reflexão sobre a formação de professores que seguem as orientações pautadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, tendo em vista que trabalhar pedagogicamente a sexualidade de forma transversal, requer que docentes de todas as áreas tenham a capacidade formativa para trabalhar a sexualidade como orientação sexual nas escolas, indaga-se neste momento, se há recursos e meios suficientes e necessários que possam suprir e complementar na formação continuada dos docentes.

Assim, sobre a formação dos professores em relação ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido em sala de aula sobre a sexualidade de forma transversal, os autores Nunes e Silva (2006), consideram que:

> [...] Ao menos em documentos estão dadas as possibilidades institucionais em primeira instância para o desenvolvimento do trabalho, mesmo que a princípio não sejam as possibilidades ideais; são, todavia, possibilidades significativas e representam um avanço nesta luta, como já havíamos registrado antes. Por5ém, as condições objetivas e estruturais, pedagogicamente falando, ainda precisam ser ampliadas, pois as realidades educacionais do nosso país são como todos sabemos: diversas, discrepantes e mal organizadas na maioria dos casos. Assim, nossa preocupação e nosso empenho são na direção de acentuar a importância da formação do profissional que vai atuar em sala de aula interferindo, pela via pedagógica, na informação e na formação da sexualidade de crianças e adolescentes (NUNES e SILVA, 2006, p. 67-68).

Observa-se que apesar de o documento orientar e objetivar para uma formação integral dos educandos, o mesmo apresenta vulnerabilidades pedagógicas no âmbito formativo e

estrutural de uma formação continuada para os profissionais educadores. Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam que todos os professores de todas as áreas de atuação educacional, trabalhem pedagogicamente a sexualidade de maneira transversal, e para um efeito efetivo e equalitário é necessário para isso o conhecimento específico e adequado para que esses docentes possam desempenhar essa orientação.

Os autores Nunes e Silva (2006), expressam preocupação no que tange a uma formação continuada para os docentes no âmbito pedagógico do trabalho sobre a educação sexual, haja vista que consideram de grande relevância o processo formativo contínuo para todos os professores, principalmente no que diz respeito a abordagem significativa da sexualidade em sala de aula.

Por fim, os autores vêm a expor suas considerações finais em relação a maneira que a sexualidade é tratada e abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, estabelecendo uma crítica construtiva sobre o trabalho pedagógico de educação sexual nas instituições de ensino públicas como temática transversal, proposta presente nos PCN's:

> A maneira do tratamento curricular transversal ainda não contempla a exigência de assumirmos este trabalho com todo o rigor científico necessário para compreensão de sua abrangência na vida social e cultural humanas. Os próprios parâmetros destacam sua pertinência ao campo da Ética e da Saúde. Ainda não temos oportunidades institucionais suficientes e condições materiais efetivas para preparar os professores que irão assumir os trabalhos escolares em sexualidade humana. Por este motivo corremos o risco do o diletantismo e da ineficiência deste trabalho que se propõe transversal que, neste contexto, viria não exatamente a colaborar com a questão como interesse pedagógico coletivo, mas, se assumido numa perspectiva improvisada e voluntarista, redundaria no ecletismo, e na banalização do assunto (NUNES e SILVA, 2006, p. 65).

Entende-se o professor como principal agente de intervenção contínua, contribuinte para a construção sólida de formação íntegra da criança e do adolescente, e compreendendo a sexualidade como campo complexo de grande abrangência que está presente em todo o processo de desenvolvimento psicofísico da criança, ressalta-se a preocupação de uma formação continuada para os profissionais que atuam diretamente em intervenção escolar.

Assim como as demais temáticas existentes em todas as realidades escolares, a educação sexual nas escolas tem seu valor significativo para a formação integral da criança. Dessa forma acentua ainda mais a necessidade de munir os docentes sobre a temática da sexualidade, para que estes, que interferem diretamente e continuamente nas salas de aulas, tenham a capacidade profissional de abordar a sexualidade pedagogicamente, afim de alcançar não somente uma formação integral da criança, mas sim, uma formação integral da sexualidade

da criança.

Ainda sobre a formação dos professores no âmbito do trabalho pedagógico da sexualidade, os autores Nunes e Silva (2006), abordam:

> [...] a forma com que se organizou a proposta dos parâmetros sem a estruturação popularizada e acessível para a formação teórico-prática de professores para este trabalho, aponta um êxito duvidoso por melhor que seja a intenção dos envolvidos neste processo escolar. Este trabalho só será frutífero se á luz da teoria e da ciência. Do contrário poderá transformar-se em terapia de grupo, abordagem religiosa ou até mesmo formas de reprodução de preconceitos e concepções de senso comum, entre outros ecletismos e improvisações (NUNES e SILVA, 2006, p. 68).

Os autores neste ponto, ressaltam a importância de se abordar a sexualidade em salas de aulas de forma crítica de conhecimento científico e teórico sobre a temática, haja vista que quando não organizado o trabalho pedagógico de abordagem da sexualidade sem as concepções teóricas e cientificas, a sexualidade pode ser reduzida ao ecletismo, a banalidade, assim interferindo negativamente também no processo de desenvolvimento crítico e científico da criança sobre a sexualidade.

Por fim, compreende-se que a sexualidade vai muito além apenas de uma temática transversal, sendo que a estrutura a ser trabalhada pedagogicamente a sexualidade nas escolas, apresentam vulnerabilidades e lacunas que podem contribuir negativamente para o processo de formação integral da criança, haja vista que, a formação e a informação recebida pela criança durante o processo de ensino sobre a sexualidade serão de forma discrepante, fragmentada ou até mesmo de forma improvisada.

SEÇÃO IV

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Como dito anteriormente para realizar esta pesquisa sobre as manifestações da sexualidade da criança na educação infantil, e analisar as reações e ações do professor relacionada as expressões sexuais das crianças, este trabalho se utilizou da pesquisa participante como uma abordagem qualitativa bem como a utilização de dados estatísticos. A metodologia qualitativa e quantitativa, foram usadas como complemento, sem dicotomia, apesar de serem termos referentes a metodologias tradicionais e diferentes, cada uma com a sua própria terminologia, suas próprias técnicas e métodos de investigação. (Bento, A. 2012).

Cabe ressaltar que a investigação qualitativa exige do investigador maior tempo nos estudos e análises e dos lugares ou local de investigação, afim de se ter uma maior compreensão dos contextos de investigação. Também é valido dizer que a investigação qualitativa prioriza e maior valor de compreensão em seus de estudos e análises dos processos mais do que os resultados.

Bell (2004, pp. 19-20) pontua que, os "investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles" enquanto que os investigadores qualitativos "estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. (…). Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa."

Como métodos de abordagem cientifica para a compreensão dos fenômenos estudos, viabiliza a leitura analítica e crítica de bibliografias que abordam a temática da sexualidade na educação infantil, assim como também há a necessidade de observação no campo de pesquisa como método para obtenção de conhecimento sobre as manifestações da sexualidade no ensino infantil e suas significações em uma escola da cidade de Marabá. também se utilizou da investigação quantitativa, se utilizando do método de entrevista estruturada e semiestruturada, afim de obter informações em números para comparação e aprofundamento no conhecimento dos processos fenomenológicos sobre a sexualidade na educação infantil.

E com o intuito de se aprofundar em compreensão acerca das reações e de como os docentes da educação infantil lidam com as manifestações da sexualidade da criança no espaço escolar, foi elaborado um modelo de questionário, que contém oito questões (apêndice I) voltadas para a temática sobre as manifestações sexuais da criança dentro do ambiente escolar, buscando abordar sobre a existência de uma formação continuada dos educadores relacionada

a sexualidade infantil e sobre como essa temática é abordada em sala de aula.

Ressalta-se que, os momentos de entrevista se sucederam de diferentes formas, cinco professoras concordaram em realizar a entrevista presencialmente dentro do espaço escolar. Porém, três das oito professoras preferiram realizar a entrevista de maneira remota, por via do aplicativo de comunicação WhatsApp, sendo foi realizado a entrevista por meio de ligação e mensagem. As entrevistas ocorreram de forma individual com cada professora, sendo gravadas, para serem posteriormente transcritas e analisadas. Os relatos das professoras durante a entrevista estão dispostos no apêndice II deste trabalho. Importante também enfatizar, que quatro destas professoras entrevistadas atuam em uma mesma escola, esta escola está localizada no bairro Velha Marabá da cidade de Marabá, duas professoras atuam juntas em uma escola pública do bairro Nova Marabá, e duas estão atuando em uma outra escola também do bairro Nova Marabá.

Com o término das entrevistas, e depois de transcrever gravados, foi elaborado um esquema de comparação das falas das professoras (apêndice III), visando facilitar a compreensão sobre como as professoras entrevistadas reagem e tratam a questão da sexualidade infantil, e se estas se sentem preparadas quando acontece episódios de manifestação sexual dentro do espaço escolar infantil. Objetivando também, por meio dos relatos obtidos e dos dados coletados na entrevista equiparar pontos comuns e divergentes nas falas das professoras.

4.1 Análises dos resultados

Com os dados coletados, através das entrevistas realizadas, e da prática de observação de campo, constata-se que a sexualidade está inerente ao desenvolvimento da criança. As manifestações da sexualidade da criança possuem diversas significações, tornando, assim, essa temática um campo com diversas amplitudes e de conhecimento complexo. Por meio dos relatos concedidos pela professora III sobre a sexualidade da criança, a mesma diz que “a sexualidade faz parte da criança, e elas precisam receber o verdadeiro conhecimento disso”, ainda a professora VIII relata que “a sexualidade da criança é algo normal, não é nenhuma monstruosidade digna de condenação”.

Se utilizando da teoria de Sigmund Freud, os autores Nunes e Silva (2000), afirmam que a criança nasce com instintos sexuais, sendo assim, também expressam esses instintos:

> [...] A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela traz consigo para o mundo, e deles provêm. Através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar

> as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave. (FREUD apud NUNES e SILVA 2000, p.46).

Nunes e Silva (2000), ainda explicam sobre as inibições corporais da criança. Destacando ainda sobre a vida movida pelo prazer, desde antes mesmo do nascimento, e até mesmo em desenvolvimento uterino da mãe:

> A criança nasce sem inibições corporais e mentais. Ao evoluir no crescimento uterino tem uma intensa experiência de prazer, plenitude e totalidade que sofre ao nascer; uma ruptura dramática, contudo maravilhosa. Mover-se-á na vida, pelo princípio do "prazer" e pela busca da satisfação e sensações agradáveis, princípios sobre as quais foi gerada (NUNES e SILVA, 2000, p. 83).

Através destes estudos, é notório que a sexualidade atravessa o conceito de órgão sexual, indo além muito na questão de campo de conhecimento, se transformando não somente inerente ao ser humano, enquanto órgão sexual para reprodução, mas sendo campo de amplitude plena de prazer, isto é, o ser humano é movido pelo prazer, as manifestações de seus desejos, e a realização destes movem a vida do ser humano.

A sexualidade, nesta perspectiva, se torna uma força de movimento, detentora de alguma plenitude de prazer. A busca pela satisfação e das sensações agradáveis é o movimento de prazer que se torna princípio gerador de uma outra vida, que no decorrer do seu desenvolvimento também busca pela plenitude e satisfação do prazer.

Assim, o autor Ribeiro (1996, p.26), vem destacar que desde de bebê o ser humano sexuado vem a se autoconhecer, se expressando através de seu corpo. Toma-se como exemplo o prazer do bebê em mamar no seio que tenha leite materno, ou até mesmo, nessa perspectiva, o prazer que o bebê apresenta por meio de risadas, quando se toca nas zonas sensíveis de seu corpo, esse ato denominado de fazer cócegas.

Nos relatos das professoras, que já atuaram na educação infantil, e presenciaram alguma manifestação da sexualidade da criança, é perceptível que os atos de manifestação sexual da criança, está presente em todos os dias, fazendo parte do cotidiano escolar. Um número de cinco das oito professoras entrevistas, afirmam que atitudes de exteriorização sexual da criança é algo normal e corriqueiro na sala de aula e escola.

Entretanto, durante a coleta dos relatos, para posterior análise das respostas, encontra-se a fala da professora VI sobre a sexualidade da criança, a mesma diz que "não se deve ensinar, nem ao menos falar disso para uma criança". A referida professora diz acreditar que a tratar da sexualidade infantil é apenas um disfarce para a sexualização erótica da criança.

A professora III diz que “deve-se trabalhar a sexualidade na escola também, quando eu trabalhei na educação infantil, no jardim I, percebia muitos momentos em que a manifestação da sexualidade era mais frequente”. A mesma professora afirma que presenciou diversos momentos de manifestação sexual de algum aluno, mas também diz que tem alunos que apresenta uma sexualidade mais aflorada.

A professora VIII afirma que “todos os dias se têm casos de manifestação sexual de alunos na escola, e é algo normal, ainda mais na educação infantil, que as crianças estão descobrindo e redescobrindo muitos mundos, e o corpo é um desses mundos em que a criança precisa explorar e conhecer”.

Algumas professoras apresentaram em seus relatos diversas situações de manifestações sexuais de uma criança, porém, muitas determinaram somente alguns acontecimentos mais marcantes de exteriorização do prazer corporal de uma criança.

A professora I relata que “na minha sala de Pré III, havia um aluno que tinha uma curiosidade sexual bastante aflorada, ele sempre estava pegando nas partes íntimas de outro colega. Eu recebia reclamações de outros alunos de que ele estava tocando e fazendo carinho no bumbum dos outros alunos. Teve um dia em que eu o vi abaixando seu próprio short para mostrar pro outro colega o pinto dele”

O relato dessa professora é um exemplo nítido de manifestação sexual da criança e de curiosidade em relação ao órgão genital do outro. Conforme os relatos das professoras, a faixa etária que os alunos apresentam variam dos 3 aos 8 anos de idade, sendo correspondente, não somente ao Pré I, mas tendo amplitude também nas séries presentes no ensino fundamental do 1º segmento.

Assim, tendo como base as teorias de Freud (1856-1939) sobre as etapas de desenvolvimento psicossexual da criança, afirma-se na faixa etária dos três aos seis anos de idade a criança está na fase fálica, onde há a descoberta dos genitais e das diferenças genitais. E ao se depararem com a descoberta das diferenças anatômicas do sexo, a criança passa a criar teorias sobre as diferenças dos órgãos genitais da menina e do menino, neste momento, Freud (1856-1939) aponta que há o simbolismo dos sexos, onde em uma teoria sexual infantil criado pela criança, a menina não possui um “pênis” porque foi castrada, já o menino passa a ter receio de também sofrer a “castração”.

Essa simbologia da teoria sexual infantil idealizado pela criança, é gerado pela sua ansiedade, com base nas sublimações de Freud, a descoberta da ausência do pênis nas meninas, se deve ao fato do patriarcalismo da sociedade. É também nesta fase que ocorre o prazer na

manipulação dos órgãos genitais tanto da menina quanto do menino, assim a cristalização da libido está na satisfação dos genitais da criança.

A professora IV, relata que “eu tive um aluno que quase todos os dias ficava se tocando por dentro da roupa”. Este relato de vivência vem a se caracterizar, de acordo com a teoria freudiana, como a fase fálica em que há o descobrimento do órgão genital e também a manipulação dos órgãos para a satisfação genitália da criança.

Nessa linha de descobrimento dos órgãos, a professora VIII relata que “tenho uma aluna, que um dia ela foi ao banheiro, quando retornou a sala, estava sem o short do uniforme. Ela entrou na sala, e quando os alunos viram, todos queriam tocar a calcinha dela e tirar. A aluna me disse que não queria vestir o short, porque estava quente, e quando estava quente na casa dela, ela tirava a roupa ficava somente de calcinha”.

Quanto a questão da manipulação dos órgãos quando se refere as meninas, a professora IV, também relata “Outro dia também, no momento de brincadeira, uma outra aluna estava por cima de outro aluno, enquanto este estava deitado de barriga pra cima, e ela estava se esfregando nele, e quando eu vi chamei eles pra conversar, o pênis do aluno estava ereto e ele não parava de tocar”. Neste caso, percebe tanto a manipulação do órgão sexual por parte da menina, quanto do menino, que sentiu pleno prazer naquele ato.

A professora VIII, também traz um outro relato referente a esta questão de manipulação dos órgãos genitais “a aluna sentou-se na cadeira e começou a se esfregar, sem parar nem um momento”.

Essa mesma professora, relata que “estava no momento da rodinha de músicas, quando duas alunas começaram a falar sobre beijo, foi quando eu perguntei sobre o que elas falavam, e elas me disseram que falavam sobre beijar, e nesse momento um outro aluno levantou, veio ao meu encontro e sussurrou no meu ouvido, dizendo que um dia ele viu na televisão duas pessoas se beijando e o pintinho dele ficou duro”.

Assim, se utilizando da teoria de Freud sobre o desenvolvimento psicossexual da criança pode-se afirmar que “a libido é uma energia afetiva voltada para a obtenção do prazer e está sempre presente no ser humano, do nascimento até a morte” (RIBEIRO, 1996, p.26). A libido é, por fim, parte integrante do desenvolvimento humano que se move em busca do prazer.

Assim, ainda sobre manipulação dos órgãos por parte da criança, que busca a satisfação e sensação de prazer no corpo, os autores Nunes e Silva, vem a explicar sobre a manipulação genital feita pela criança:

> A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem as crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades. [...] É uma exploração prazerosa de sensações corporais, um fenômeno universal, inconsciente, inofensivo e deve ser compreendido como uma descoberta do próprio corpo e suas sensações. (NUNES e SILVA, 2000, p. 77 – 78).

Encontra se a constatação dessa teoria nas falas das professoras I, II, III, IV, V, VII e VIII que foram entrevistadas, em que a principal forma de manifestar a sexualidade usada pela criança é a manipulação de seus órgãos genitais, devido a necessidade de satisfazer o prazer que se encontra neste ato. Em todos os relatos as professoras afirmaram que como manifestação sexual da criança mais frequente que já presenciaram foi o toque da criança nos órgãos genitais.

Braga (2008), também se baseando na teoria de Freud sobre o desenvolvimento psicossexual da criança, afirma que é nesta fase, denominada de fálica, que a criança também descobre sobre os órgãos genitais, encontrando a satisfação e prazer quando há a manipulação desta parte do corpo.

A professora VIII, também vem relatar sobre a questão da manifestação sexual da criança, a descoberta dos órgãos genitais e a manipulação deste feita pela criança, “dois dos alunos, no momento da recreação, estavam brincando juntos, e quando eu olhei com mais atenção, vi que tanto um quanto o outro tentava ver o ‘pintinho’ escondido dentro da roupa”. A segundo a professora outro momento de curiosidade de ansiedade da criança em relação aos órgãos sexuais uns dos outros, “um dos alunos fez xixi em sua própria roupa na sala de aula, e disse, ele mesmo tirou a roupa, foi quando todas as crianças ficaram eufóricas, querendo tocar e puxar a cueca do aluno, os alunos diziam ‘olha a cueca dele, o bumbum dele, deixar eu ver o pintinho’, casos como esses acontece quase sempre aqui na sala.”

Diante a isso, das manifestações relatadas pelas professoras entrevistadas, há a necessidade de compreensão sobre a sexualidade infantil, o entendimento de que as manifestações sexuais, a curiosidade e a ansiedade da criança, é natural diz respeito o desenvolvimento psicossexual da criança. Se faz necessário também a compreensão em relação as etapas que esse desenvolvimento apresenta, e como cada criança reagirá diante da manifestação da libido, sendo necessário o respeito a cada etapa desse desenvolvimento em sua singularidade.

Sobre a manipulação do órgão sexual, os autores Nunes e Silva (2006), afirmam que uma das principais manifestação da sexualidade da criança dentro do ambiente escolar, é a prática de manipulação dos órgãos genitais Ao contrário do que pode ser definido, de acordo

com o senso comum popular, de que essa prática é um ato de masturbação, vale frisar, seguindo o viés de pensamento de Sigmund Freud (1856-1939), que a criança não tem uma intencionalidade de malícia quando manifesta sua sexualidade por meio da manipulação do seu órgão genital.

Sabendo-se da ausência de malícia da criança quando a mesma pratica o ato de manipulação do seu próprio órgão genital, nota-se aqui a teoria do desenvolvimento psicossexual da criança, isso de acordo com Freud (1856-1939), identificada como a fase fálica da criança, correspondente ao terceiro ano de idade da criança até o sexto.

Essa manipulação dos órgãos sexuais da criança é procedente da obediência dos estímulos biológicos e psíquicos da criança, lhes proporcionando grandes experiências de satisfação do prazer, suspendendo-se à aprimoração sensorial do seu próprio corpo e de suas potencialidades, corroborando com a construção identitária da criança. Não se trata ainda de uma busca intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabida reprimi-la como "masturbação" ou perversidade (NUNES e SILVA, 2006, p. 77).

Ainda discorrendo sobre as práticas de manipulação sexual da menina e do menino os autores mencionam que:

> Trata-se de uma prática que pode apresentar-se como circunstancial ou passageira como pode ainda estruturar-se de maneira mais observável entre os meninos, pelas características culturais e educacionais de maior permissividade e estimulação de expressão social da sexualidade masculina, contrapondo-se aos eficientes mecanismos de repressão das meninas. É mais difuso entre as meninas, que podem manifestar-se no toque genital ou no auxílio de objetos, brinquedos, posições que promovem estímulos prazerosos (NUNES e SILVA, 2006, p. 77).

Percebe-se que a manipulação do órgão sexual realizada pela criança, não é provida de intencionalidade, e que tanto os meninos quantos as meninas se utilizam dessa prática para a satisfação dos seus estímulos de energias psíquicas, a libido, para o alcance do prazer. Também é notório a forma como se sucede a prática da manipulação sexual nos meninos e nas meninas, e tais práticas se expressam de maneiras divergentes, sendo na menina a manipulação do órgão sexual se consolidando de diferentes maneiras.

Como já ressaltado, é valido frisar que, esta prática de manipulação dos órgãos genitais realizada pela criança é inofensiva, inconsciente sendo um fenômeno natural e universal. Essa manifestação sexual da criança, é uma exploração prazerosa do próprio corpo, o que potencializa na criança a formação identitária e concepção do seu próprio corpo.

Nérice (1998), afirma que os impulsos sexuais da criança se manifestam de diferentes maneiras, este mesmo autor também afirma, que isso ocorre principalmente em um momento em que a criança está relaxada. A professora IV diz que "uma aluna sempre chupa dedo, e toda vez que ela vai chupar o dedo, ela coloca a mão por dentro do short, se tocando".

Nesse relato da professora IV, ela diz que os pais ficavam preocupados quando a filha se tocava enquanto chupava o dedo, e a professora ainda diz que também ficou bastante preocupada quando viu a situação pela primeira vez. Mas os autores Nunes e Silva (2006), vem apontar que esta manifestação é normal, e traz para a criança a sensação de intenso prazer.

> A sexualidade é uma coisa natural nos seres humanos, é uma função como tantas outras. Frequentemente estimulamos a evolução de nossos filhos em vários aspectos (comer sozinhos, andar, ler...), mas com a sexualidade somos cuidadosos e até mesmo preconceituosos (ROCHE, 2008).

De acordo com os relatos obtidos, através das entrevistas, foi notório perceber, que das oito professoras, todas elas, relataram a manipulação dos órgãos por meio de objetos, e até mesmo por intermédio de outra criança. A professora VIII:

> "quase sempre vejo uma criança aqui ou ali se manifestando sexualmente sabe? Esses últimos dias mesmo eu vi, durante o horário da brincadeira, duas alunas brincando de médica, uma era a paciente e a outra médica, mas quando eu vi bem, uma estava com a mão por dentro dos shorts de uniforme da outra coleguinha, e a que estava sendo tocada estava soltando murmurinhos, como se fosse gemido".

A mesma professora ainda diz que "já percebi também atos de alguns alunos se esfregando no outro ou até mesmo na cadeira". Já a professora IV relata que "outro dia também, no momento de brincadeira, uma outra aluna estava por cima de outro aluno, enquanto este estava deitado de barriga pra cima, e ela estava se esfregando nele". Ou ainda a professora I em seu relato fala, "eu tinha uma aluna do 1º ano, as vezes eu via ela se esfregando na cadeira, isso acontecia depois que voltavam do intervalo, ou quando era a hora da brincadeira livre".

Nunes e Silva, vem falar sobre os impulsos biológicos e psíquicos da criança, onde a criança descobre o prazer que o seu próprio corpo pode lhe proporcionar.

> A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem as crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades. [...] É uma exploração prazerosa de sensações corporais, um fenômeno universal, inconsciente, inofensivo e deve ser compreendido como uma descoberta do próprio corpo e suas sensações. (NUNES e SILVA, 2000,

p. 77 – 78).

Entretanto, torna-se a necessário uma atenção maior diante da manifestação sexual da criança, que como já referido, são manifestações que não apresentam qualquer malícia para a criança, sendo uma exploração do corpo um fenômeno natural e normal para a criança, onde a mesma encontra seu prazer através da exploração do seu próprio corpo. A necessidade de uma atenção mais cuidadosa frente a uma hiper exteriorização do prazer da criança, pode ter ligação com o fato da criança ter presenciado ou vivido alguma atitude sexual vinda de um adulto.

Isso vai encontro ao relato da professora I, a mesma diz que; "esse menino que vivia querendo tocar nas partes íntimas das outras crianças, e principalmente no ânus, dos outros colegas de classe, eu perguntei o porquê de ele fazer isso, e ele me disse que faziam isso com ele". A professora V, relata que: "tenho uma aluna, que sempre fala que tem pinto, perguntei a ela certo dia, porque ela tinha pinto, ela disse que todo mundo da família dela tem, e ela queria ter também, assim como o pai dela".

Diante a esses relatos, fica claro que o professor também deve ter um olhar sensível diante as manifestações sexuais da criança, pois além de ser impulsos biológicos de natureza humana, é expressão do prazer por parte da criança. De acordo com Macedo (2003), nem toda manipulação dos genitais é sinônimo de masturbação, as vezes a criança se toca também em virtude um incomodo físico, ou com as vestimentas.

Considerando a colocação de Macedo (2003) sobre a manipulação genital, de que nem sempre deve ser considerada como uma masturbação, é possível constatar essa colocação conforme o que se observou em uma escola de educação infantil, em que ao antes de terminar a aula, uma das alunas não estava concluindo suas atividades, isso devido que a todo momento ela estava colocando sua mão por dentro da calça jeans, depois de um tempo a mesma se levanta do seu assento, se encaminha em direção a professora e relata que a calça jeans estava a incomodando, e queria a tirar.

Nérice (1998) ao se referir ao exibicionismo da criança, isto é, os momentos em que a esta descobre o seu órgão sexual e tem por prazer de exibir o órgão genital aos outros colegas de classe. Observa-se esse acontecimento nos relatos da professora VIII, esta diz que "teve uma manhã em que o aluno baixou as calças e a cueca, sala de aula, e mostrou o seu pinto para os outros colegas".

A professora I também relata sobre o exibicionismo do aluno na sala de aula "estava escrevendo no quadro, quando eu comecei a escutar as crianças rindo e falando mais alto,

quando me virei pra turma, encontrei um dos alunos com o pinto pra fora das calças, o segurando e mostrando para os outros alunos".

Também a professora IV, relata que "o aluno disse que queria ir ao banheiro, quando voltou, estava com as calças baixas e tirou o pinto pra fora e ficava mostrando dizendo para os outros alunos olharem o pintinho dele."

Conforme Macedo (2003) vem a explicar sobre o exibicionismo da criança:

> O "exibicionismo" infantil faz parte da fase de exploração dos corpos. Como um brinquedo novo, a criança quer mostrar aos outros o que já descobriu. Quanto à menina que adora levantar a roupa e mostrar o bumbum, por exemplo, pode estar imitando algo que viu na TV. Em qualquer situação, cabe aos adultos começar a ensinar a noção de intimidade (MACEDO, 2003, p. 4).

Diante a isso, faz se necessário frisar que a manifestação da sexualidade da criança, é inerente ao seu desenvolvimento pleno e integral, onde o corpo é um universo que para a criança, um mundo que pode ser explorado. Macedo (2003), traz uma reflexão sobre como os adultos devem tratar essas situações de masturbação exibicionismo a uma criança, o autor vem destaca a importância de se ensinar a criança sobre a noção de intimidade, o que nos leva a reflexão de dos autores Nunes e Silva (2000, p. 101), sobre a necessidade do educador, do adulto, e dos pais, de explicarem para a criança sobre as dimensões sociais e seus limites, uma conversa sem resquício de repressão ou condenação apenas explicar os limites e a intimidade.

Outro cenário encontrado nos relatos dispostos pelas professoras, por meio das observações em campo, é o ato de beijar na boca, da brincadeira de papai e mamãe, a até mesmo a reprodução do namoro. Conforme as observações destaca-se duas situações em que no momento da recreação, dois alunos, um menino e uma menina, pegaram vários objetos, como as cadeiras e bolsas dispostas pela sala, e imitaram uma casinha, começaram a brincadeira e se denominavam de papai e de mamãe, chamaram mais uma outra colega de classe, para ser a filha do casal na brincadeira. Até que teve um momento em que o aluno, que era o papai, foi trabalhar, quando estava de saído para o trabalho, deu um beijo na outra aluna, que no caso era a mamãe.

Nas observações de campo realizadas na educação infantil, encontrou-se também, outra situação em que dois alunos, uma menina e um menino, alegaram para a professora regente da sala e para alguns outros colegas de classe, que estavam namorando, e durante a aula, percebia que ambos tentavam imitar a relação de um casal de namorados, onde eles tinham o ato do beijo, ou iam para o intervalo de mãos dadas, onde o menino, na hora da saída, levava

a bolsa da colega. No dia seguinte percebeu-se que os dois nem conversaram nem brincaram juntos durante a aula. Ao terminar a aula tive a curiosidade de perguntar se ainda estavam namorando, elas disseram que não: a brincadeira já havia acabado. Nunes e Silva, trazem a concepção do beijo para a criança, como prática como natural para o desenvolvimento psicossexual da criança.

> Não se trata de nenhuma conduta condenável. O beijo deve ser resgatado em sua dimensão de afeto e carinho. Fugindo dos estereótipos que envolvem violência ou submissão, o beijo é uma saudável troca de profundos sentimentos humanos. É claro que a atitude de submeter para extorquir carinhos, que não são muito comuns entre as crianças, deve ser compreendida muito mais como carência afetiva do que como violência, real ou simbólica (NUNES e SILVA, 2006, p. 79).

Os referidos autores estão tratando não somente da prática e ansiedade da criança em beijar, quando muitas das vezes tem desejo de beijar na bochecha e na boca outras crianças e até mesmo adultos, mas também da atenção necessária sobre esta atitude, não taxando como condenável, exercendo a repressão, reprimindo pode acarretar em consequências negativas para o desenvolvimento completo da criança (NUNES e SILVA, 2006).

Outra forma em que se manifesta a sexualidade da criança na escola, é a situação em que a criança tem o anseio em querer namorar, em ter um namorado ou namorada. É comum encontrar nos grupos escolares da criança o debate sobre namoro ou sobre namorados, esta situação ocorre no período dos cinco aos dez anos de idade da criança.

No âmbito da sexualidade infantil, a manifestação de namorar da criança, também está relacionada com os estereótipos culturais da sociedade, que também se apresenta nos meios midiáticos, sendo de imitação da criança. Porém, ao mesmo tempo em que para acriança vivenciar o namoro é um misto emoções e sensações prazerosas, é notório que que a criança não tem um namoro realista pautado na realidade do adulto e sim uma fantasia (NUNES e SILVA, 2006).

Nunes e Silva (2006), destacam que essa manifestação da sexualidade da criança, são essenciais para o processo de identidade na fase infantil, haja vista que o anseio por querer namorar, está pautado no desenvolvimento das relações sociais e da descoberta das diferenças dos papeis do menino e da menina na sociedade. Afirmando também que a criança, no caso, exerce um pseudonamoro, que também é influenciado devido aos meios midiáticos, como a televisão, pura imitação por parte da criança. a prática da imitação é indispensável para o

desenvolvimento da criança, onde seguir um modelo e imitá-lo é considerado de grande influência para a formação plena do indivíduo. (BANDURA 2008, p. 128 – 129).

Sobre esta manifestação da sexualidade da criança, a professora II relata que "quando eu trabalhava na outra escola de educação infantil. Eu sempre via as crianças falando sobre namoro, essas coisas de criança né". A mesma continua relatando sobre situações diversas de ter encontrado alunos se beijando na hora do intervalo, ou no momento da brincadeira, "eu vi várias vezes as crianças do jardim 2 se beijando na boca até mesmo dentro da sala de aula."

A professora IV também relata sobre o ato do beijo na educação infantil, em que a criança sente vontade de beijar não somente a bochecha, mas a boca do outro colega de classe, relatou que já viu acontecendo, de um dos alunos querer beijar na boca do outro aluno, no caso os dois alunos são do sexo masculino, a professora diz que olhou de relance e imaginou que a criança queria beijar na bochecha do outro aluno. Mas quando ouviu a reclamação de que o aluno estava querendo beijar na boca, sua atenção foi voltada a eles novamente, e notou que o aluno estava realmente querendo beijar a boca do outro colega.

Em seu relato, a professora IV diz que "quando eu perguntei o que ele estava fazendo ele abaixou a cabeça e ficou em silêncio, o outro aluno quem falou o que havia acontecido, eu fiquei em choque, disse que isso não se podia fazer, que é errado".

Nesta fase do desenvolvimento psicossexual da criança, podem também surgir questionamentos de caráter sexual, Nunes e Silva (2006), apresentam que essas perguntas de cunho sexual, são normais, haja vista que a criança está passando pelo processo de descobrimento. A professora V apresentou em seu relato que "o aluno me perguntou o que é fazer sexo, disse que viu na televisão falarem sobre fazer sexo".

Ainda a professora III, vem relatar sobre sua própria experiência como mãe "minha filha, quando tinha 6 anos, me veio perguntar como uma mulher ficava grávida". Já a professora VIII relata "alunos já vieram me perguntar de onde vem os bebês, teve um dia que o aluno perguntou em voz alto, e o outro respondeu que os bebês vinham do hospital, porque a tia dele foi pro hospital e voltou com um bebê".

Nunes e Silva (2006), orientar para as professoras que diante a essas perguntas, devem sanar as dúvidas apresentadas pela criança, agindo com naturalidade, sem nenhum escândalo ou repressão, nem mesmo se silenciar diante dos questionamentos da criança, mas esclarecer a pergunta, não se orienta que o professor ultrapasse o limite da pergunta da criança, mas tratando do questionamento de forma normal, e respondendo com verdades.

Nérice (1998), orienta que o adulto deve esclarecer quaisquer dúvidas da criança de natureza sexual, afirmando que se deve ter uma atitude natural, respondendo somente a pergunta feita de forma verdadeira, sem fantasiar em nenhum momento sobre ao que a pergunta se refere.

> Não devemos deixar de responder às perguntas, nem fazer "mistério" em torno delas, nem as esclarecer fantasiosamente e muito menos reprimir ou demonstrar desagrado quando são apresentadas. (NÉRICE, 1988, p.71).

Um exemplo onde se usou da fantasia para se responder um questionamento de uma criança, a professora III relata que quando sua filha lhe perguntou como as mulheres ficavam grávidas, o pai de sua filha disse que "o papai colocou uma semente na barriga da mamãe, e ela ficou grávida". A mesma professora continua a relatar "aí um certo dia minha filha disse que estava grávida, porque tinha colocado uma semente no umbigo de sua barriga".

Sobre como se deve tratar os questionamentos da curiosidade infantil, em seu artigo o Oliveira (2000), diz que:

> Quando uma criança pergunta, por exemplo, como o bebê foi parar na barriga da mãe não quer dizer que ela queira ou aguente saber detalhes com relação ao ato sexual dos pais. Responder a criança de maneira simples, clara e objetiva satisfaz sua curiosidade. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto que a não satisfação ou o excesso de informações gera ansiedade e tensão. (OLIVEIRA, 2000, p. 2).

Assim, tendo como base a teoria de desenvolvimento psicossexual da criança estabelecida por Freud (1856-1939), Nunes e Silva (2000), também afirmam que quando não há o devido esclarecimento das dúvidas e curiosidades da criança, isso pode de gerar patologias psicológicas, que vão interferir diretamente no comportamento e na personalidade da criança, dessa forma, os autores (op.cit), vem direcionar o adulto que para sanar os questionamentos levantados pela criança, é necessário o respeito as limitações de compreensão da criança.

De acordo com Lopes (2007):

> [...] dar espaço para que as questões sejam colocadas e respondê-las com simplicidade, de forma que a criança entenda, considerando seu nível de maturidade e suas necessidades emocionais. Se as respostas forem insuficientes a criança continuará perguntando ou procurará obter a resposta em outros lugares, talvez não muito confiáveis. (LOPES, 2007, p. 5).

Dessa maneira, foi notório, através dos relatos obtidos e das análises dos textos utilizados, que a manifestação da sexualidade da criança é normal e natural, sendo cada manifestação sexual da criança no escolar detentora de significações essenciais para uma formação plena do indivíduo. Macedo (2003), explica que:

> O problema não está na exploração sexual do próprio corpo ou nas brincadeiras entre crianças da mesma idade. Prejudicial é a repressão do adulto a essas atitudes, quando ele grita, proíbe, bate ou põe de castigo. Fazendo isso ele transmite a noção de que aquilo é errado, quando na verdade essas atitudes são tão naturais quanto aprender a andar, falar, brincar. (MACEDO, 2003, p. 2).

Nérice (1998, p. 43), afirma que quando o professor está diante de uma manifestação de sexualidade de uma criança, a atitude de gritar, de proibir, ou até mesmo de violentar fisicamente a criança, contribui apenas para o surgimento de distúrbios no comportamento da criança, o autor orienta que se deve distrair a criança, levando o foco deste a outras atividades, "deve-se manter a criança com as mãos ocupadas".

Portanto, é claro a afirmação de que o professor em sala de aula, quando se vê diante a alguma manifestação da sexualidade da criança, deve agir com naturalidade, sem se utilizar da repressão ou do silenciamento da criança, sua atitude interfere diretamente no desenvolvimento e na formação do indivíduo, interferindo, por fim, na construção identitária da criança.

Entretanto, de acordo com as análises dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas, das oito professoras, sete delas relatam que sua primeira reação é o estado de choque e espanto, relatando também a ação do susto, e que posterior ao susto vem a atitude de repressão encontrada no relato da professora I "quando eu vi o menino com a mão no ânus do outro aluno, eu dei um grito raiando com o menino, porque eu fiquei assustada, nunca tinha visto algo assim".

A professora I continua relatando que "eu briguei com a criança, e essa criança já apresentava um comportamento meio violento né, mas nesse dia que eu gritei e raiei, ele não falou nada, mas foi só chegar na sala de aula que ele começou a querer bater nos outros colegas".

A professora II, vem relatar a sua reação diante à manifestação sexual de um de seus alunos que mais a marcaram, "na hora que eu vi os dois alunos se beijando, eu fiquei impactada, quase não tive reação, porque são crianças". Porém, no relato da professora III, a mesma diz

que “em momento algum eu me assustei com esses acontecimentos ou briguei com eles, eu entendo que são crianças”.

Com a professora IV percebe-se o estado de choque, a mesma relata “eu fiquei abismada, demorei a processar o acontecido, mas logo depois chamei as crianças envolvidas em particular para conversar”. A professora V vem a relatar “eu fiquei boba né, nunca que eu vi e ouvi uma criança de 5 anos ter uma atitude daquelas”. Já a professora VII, relata que “não me espantei muito não, estava ciente que os alunos tem acesso a esse tipo de informação fora da escola”.

Já a professora VIII descreve sua reação da seguinte forma “na primeira vez que eu vi, eu fiquei pasma, de ver crianças de quatro ou cinco anos de idade terem atitudes que demonstram sua sexualidade, mas depois, com o passar dos dias, fui me acostumando”.

Nestes relatos percebe-se que a maioria das professoras apresentaram reações semelhantes relacionadas ao susto, e pânico, como se a manifestação sexual de uma criança fosse algo de outro universo, algo inexistente, ou de extrema proibição. Mas, também se compreende que, de acordo com os dados de análises dos relatos, nenhuma das professoras citadas acima, relatou ter participado de algum curso ou programa de formação continuada com a temática sobre as manifestações da sexualidade da criança no ambiente escolar.

Diante a isso, nos remetemos neste momento a questão da educação sexual nas escolas, que já fora apresentada neste trabalho no capítulo referente ao referencial teórico, a colocação da sexualidade de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, sendo considerada neste documento como temática a ser tratada com transversalidade nas escolas. Assim como a necessidade de se refletir sobre a questão da formação dos professores para se abordar a sexualidade nas escolas.

Camargo e Ribeiro (1999), ao se referir a necessidade de uma formação continua para os professores, a fim de que estes educadores tenham o conhecimento crítico e necessário sobre a educação sexual, para enfim se utilizar de uma didática fundada teoricamente com criticidade de conhecimento científico, para o devido esclarecimento dos questionamentos de natureza sexual feita pelas crianças. Segundo o autor:

> Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando as possibilidades do corpo e das emoções. (CAMRGO e RIBEIRO, 1999, p.50).

Estes autores concluem suas considerações sobre o preparo do professor:

> Assim, a formação de educadores e educadoras tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico - cientifica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas também quanto ao autoconhecimento. O preparo dos educadores e educaras implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade. (CAMARGO e RIBEIRA, 1999, p. 51).

É nítido a percepção, levantada pelos autores da necessidade de sensibilidade dos/as professores/as diante das manifestações de sexualidade da criança, além da sensibilidade, torna-se necessário autoconhecimento das situações que implicam as atitudes da criança, destacando que o conhecimento teórico e científico não é suficiente para o professor abordar sobre a sexualidade para uma criança.

Tendo como exemplo a atitude da professora V diante de exteriorização sexual da criança: "então eu fiquei sem reação. Mas depois eu fui na criança perguntar se ela sabia o que era 'rola' e a criança ficou calada né, não disse nada. Mas uma outra criança falou: tia eu sei o que é 'rola', é aquilo que a gente chupa quando namora. Eu fiquei ainda mais assustada, eu fiquei pasma. Então eu logo desviei o assunto né, peguei o celular e tentei explicar que aquilo é um tipo de passarinho né, e desviei o assunto."

Outra professora buscou conduzir a situação de manifestação sexual da criança de maneira leve, tentando entreter a criança com outros jogos e brincadeiras. A professora VIII relata: "quando eu comecei a trabalhar na educação infantil e via isso quase todos os dias, eu comecei a tentar me aprofundar no assunto por conta própria. Então, hoje em dia, eu já não repreendo que isso não se deve fazer, ou digo que é totalmente errado e que papai do céu não gosta. Eu simplesmente me junto a eles e tento desviar do foco, brincando com eles, mas quando surge duvidas assim, de porque ela é menina e ele é menino, eu tento explicar da maneira mais eficaz e cuidadosa pra que eles entendam, sabe? Às vezes quando surge o assunto sobre de onde vêm os bebês, eu ficava sempre com medo dessa pergunta, e as vezes eu desvio dela e não consigo explicar pra uma criança sobre isso. Não me sinto suficientemente preparada pra isso."

A professora III, buscou conduzir a situação vivenciada de forma que as crianças pudessem entender sobre o que estava acontecendo. A professora descreve: "na sala de aula, ontem mesmo os alunos quando estavam lendo o silabário começaram a rir quando chegamos na sílaba 'cu' né. E foi um alvoroço", mas, eu logo perguntei o porquê eles estavam rindo tanto se era algo normal, e que a sílaba 'cu' é do nosso português e o que eles estavam rindo não se deve chamar de cu e sim de ânus, e assim eu expliquei pra eles, para que serve o ânus e tudo mais".

É perceptível que a atitude mais comum utilizada pelas professoras entrevistadas, é o estabelecimento do diálogo com os alunos, alguns relatam que tem momentos em que se é necessário o diálogo individual somente com os alunos envolvidos. E outros momentos em que é necessário o esclarecimento da curiosidade da criança de forma coletiva, porque tem muitas crianças que têm curiosidades sobre os assuntos, mas que não demonstram ou falam, devido a já terem sofrido uma repressão negativa levando ao silenciamento.

Entretanto, de acordo com os relatos, ainda teve professoras que usaram da repreensão para silenciar a criança, ou até mesmo ignoraram o acontecimento, pois não se sentiam capacitada o suficiente para abordar o assunto. Pode-se encontrar tais reações nos relatos da professora I, em que a mesma grita para repreender a criança, e como consequência desse ato, é despertado na criança a atitude de violentar os outros colegas de classe, bem como a outra professora que descontextualiza a estrutura social e repreende a criança com a figura do papai do ceu. (apêndice B).

Macedo (2003), cita a fala do psicólogo Rennes para explicar a necessidade de o professor agir com naturalidade diante de alguma manifestação sexual da criança, ressaltando que o professor deve compreender que sua atitude implicará em uma consequência negativa para o desenvolvimento pleno e integral da criança, o professor, portanto, não deve reagir de forma a condenar a criança, tratando-a como errada e suja, digna de condenação.

Assim, Nunes e Silva (2000), ao se referir ao papel do educador frente as situações de exteriorização sexual da criança dizem:

> Nosso papel de educador é o de interferir, no limite de nossa competência, na crítica aos modelos repressivos/permissivos para a construção de uma sexualidade humanizada, erótica e lúdica, só possível numa relação de confiança e afeto. (NUNES e SILVA, 2000, p. 83).

Se faz necessário, dessa maneira, que o professor compreenda a importância de seu papel como educador, assim como, compreenda que a educação sexual é essencial para a formação do indivíduo e está presente no cotidiano da dinâmica escolar. E considerando, a importância da educação sexual, com vistas a compreensão de que a manifestação da sexualidade da criança é inerente ao seu eu, implica-se a emergência de o professor se dispor a se capacitar com estudos sobre a educação sexual, para que possa interferir de forma positiva no desenvolvimento psicossexual da criança, para o alcance da formação plena do indivíduo.

Ainda Nunes e Silva (2000), pontuam a necessidade de se refletir sobre a formação do docente, pois consideram que estes interferem diretamente na formação, principalmente no que tange a sexualidade, da criança. Sem uma base de conhecimentos, por maior boa vontade que tenham os professores, o trabalho acaba por esvaziar-se e descamba para o adiamento ou para outras direções contrárias [...]. (NUNES e SILVA, 2000, p.68).

Ainda sobre a importância de uma formação continuada do professor, Figueiró (2006, p.92), ressalta a necessidade do professor se qualificar em uma formação continuada que esteja ligada com o cotidiano do professor, preparando o mesmo para o enfrentamento das dificuldades encontradas no dia-a-dia da sala de aula, e a expressão da sexualidade da criança está presente no cotidiano escolar.

Continuando sobre a necessidade de preparo adequado para o professor relacionado a sexualidade, Figueiró, se utiliza dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para discorrer sobre a sexualidade no cotidiano escolar, e a necessidade de uma formação docente especifica que trata da educação sexual.

> O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso à formação especifica para tratar de sexualidade com crianças e jovens nas escolas, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato deste tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas especificas da sexualidade e suas diferentes abordagens [...]. (FIGUEIRÓ, 2006, p. 92).

Figueiró (2006), se posiciona a favor de uma formação especifica para o professor sobre a sexualidade e a educação sexual, afirmando que a sexualidade está no cotidiano da sala de aula, e que a postura do professor influencia diretamente na construção e formação de ser do indivíduo ativo e integrante da sociedade, haja vista que a sexualidade implica no cotidiano do professor, tendo este em suas mãos uma parte de responsabilidade no desenvolvimento psicossexual da criança.

Contudo, considerando a necessidade de se ter uma formação continuada especifica que aborde as questões sobre a educação sexual e a sexualidade, estabelecendo uma análise dos relatos das professoras entrevistas sobre a participação destas em cursos de formação continuada que abordaram a temática da sexualidade e da educação sexual de forma específica. Tem se a constatação de que nenhuma das entrevistadas participaram de nenhum curso da área

da sexualidade infantil, e nem mesmo participou de algum momento de formação continuada em que a temática estava em destaque esta abordagem.

Isto está presente nas falas de todas as professoras entrevistadas. Somente a professora I alega ter participado de um projeto escolar, em que se visava abordar questões relacionadas a sexualidade, entretanto, a professora afirma que apesar de ter tido essa temática, o projeto apenas teve como foco as questões implícitas sobre o bullying.

Já as professoras II, III, IV, V, VI, VII e VIII, alegam que desde o início de suas práticas docente, não vivenciaram e nem participaram de quaisquer cursos, que abordasse sobre a sexualidade infantil. Afirmaram também quando há oferta da formação continuada para o professor, não há debates relacionadas a temática da sexualidade. Algumas destas professoras alegam que as vezes há pequenos momentos de compartilhamento de experiencias sobre alguma manifestação da sexualidade da criança em sala de aula com poucos colegas de trabalho, isso normalmente ocorre durante o momento da hora pedagógica.

A professora II, descreve sobre o questionamento relacionado a alguma participação de curso, ou de debate e pesquisa na formação continuada que aborde a sexualidade e a educação sexual “Sendo bem sincera contigo, eu nunca participei de uma formação ou de momentos de pesquisa em que o foco era esse tema. Porque tu sabes como é a educação no Brasil, a gente não consegue falar e debater nem sobre a necessidade de um atendimento especial para os alunos que precisam, quem dirá sobre isso”.

Entretanto, encontra-se ainda nos relatos das professoras, atitudes em que algumas buscam por conta própria o entendimento e aprofundamento sobre a sexualidade e a educação sexual. Isso nos leva afirmar que conhecimento do professor, como agentes responsáveis pela a formação integral do indivíduo, a preocupação e a necessidade de se buscar informações, de ler, de pesquisar sobre o assunto, constata-se na fala da professora II “é sempre mais, o professor mesmo pra ir atrás de conhecimento para saber lidar com isso”.

Entendendo que a sexualidade seja inerente a existência humana e dessa forma, presente no cotidiano escolar, verifica-se a responsabilidade que o educador/a tem em suas mãos, onde há a emergência de abordar a sexualidade infantil de forma sadia e séria, não caindo no erro de banalizar a sexualidade, a tornando uma piada diante a cultura da humanidade, mas uma necessidade de abordagem com vistas a emancipação da educação sexual.

No decorrer das atividades de realização das entrevistas com as professoras nas escolas, a primeira reação notória, foi o espanto em ter que falar sobre a sexualidade infantil, além do espanto, também houve momentos de negação da sexualidade infantil, como no caso

da professora VI, que por meio da entrevista, vem a negar a existência de quaisquer manifestações da sexualidade da criança, se limitando em responder somente com a palavra de negação a todas as perguntas. Durante a entrevista com essa professora em especifico, notava-se uma postura rígida e dura, a cada pergunta sentia se o desconforto da professora.

Em todas as entrevistas realizadas com a professora, ressalta-se a afirmação de que todas as professoras, quando se deparavam com a temática a ser abordada no questionário para a entrevista, diziam a mesma frase "essa temática é muito polêmica", outras diziam, "isso é muito polêmico".

E diante desses acontecimentos, se utiliza a afirmação do Figueiró (2006) sobre a importância de se debater, pesquisar e ler sobre a sexualidade, alegando com veracidade que há sim a manifestação sexual da criança dentro do espaço escolar, e da sala de aula.

> A sexualidade é uma das questões que mais têm trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar. A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, na sala de aula está de modo geral, exacerbada tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, em especial, abordam-na. Temos observado forte instigação ao sexo, como também um rompimento com os valores morais e sexuais há muito estabelecidos. (FIGUEIRÓ, 2006, p.92)

Camargo e Ribeiro (1999), orientam para uma conduta didática educativa diante a educação sexual da criança:

> O trabalho de educação sexual implica a discussão de questões sociais, éticas e morais. Sendo assim, as relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade devem estar presente em todo o trabalho educativo e, principalmente, naqueles que tratam da sexualidade. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.40).

Por fim, compreende-se a importância da preparação e formação do professor voltada também para a sexualidade, não tendo a sexualidade somente como uma temática transversal disposta nos PCN's, mas uma educação sexual para além da transversalidade, haja vista que tratar sobre o tema exige-se uma formação especifica e necessária para a abordagem da temática no ambiente escolar.

Sendo assim, considerando as significações da sexualidade humana, e acreditando que esta, está estritamente ligada ao desenvolvimento, físico, social, emocional e psíquico do indivíduo, Nérice (1988, p.14), afirma que a negação e o silenciamento da sexualidade ainda na infância, tem a capacidade de gerar problemas quanto a personalidade e identidade do indivíduo, bem como algumas patologias psíquicas, como os desvios de personalidade,

podendo gerar a bipolaridade, traumas que contribuem para o pânico social e um constante mau humor, tem sua origem presente em que como se desenvolveu o processo de firmamento da sexualidade do sujeito.

Observa-se ainda, que a maioria das professoras relatam sobre a família, o que desperta a curiosidade, pois nenhuma das questões faz a referência da família. Nos relatos coletados, a maioria apresenta a influência da família para o estabelecimento da educação sexual da criança, e pela perspectiva da importância da família para a formação integral do indivíduo, neste momento o trabalho apresenta a necessidade de se discutir sobre a família, a escola e a educação sexual.

Nos relatos coletados, registra-se a preocupação das professoras em se debater sobre a sexualidade na sala de aula, devido a reação dos pais diante a isso. A professora II descreve que "eu até chamei os pais para conversar sobre o ocorrido com os filhos deles, os pais negaram que o filho seria capaz disso, e colocou a culpa em mim, que eu estava ensinando o filho sobre beijar e sobre sexo, e como consequência disso os pais tiraram os filhos da escola".

A professora V relata uma experiência viva de sua época como estudante da sétima série, a mesma descreve que "tinha nos livros né, que falava sobre o corpo humano, as genitais. Eu me lembro muito bem, que a minha professora de ciências da época falou com a turma que teve uma mãe de uma das alunas que veio reclamar com a professora, porque a professora estava ensinando imoralidades pra filha"

Com o relato destas duas professoras, pode se afirmar que a temática sexualidade e os assuntos que estão ligadas as manifestações sexuais da criança ainda é um tabu. Como apresentado no referencial teórico, sobre a trajetória da educação sexual no Brasil, ainda se encontra nos relatos das professoras a posição negativa dos pais tendo como base as concepções religiosas sobre pecado e condenação.

A exemplo disso a professora II apresenta em relato sobre a importância de se abordar sobre a sexualidade me sala de aula "A temática é importante, mas a questão é que isso sempre esbarra na questão religiosa né. Eu não sei, como as pessoas religiosas entendem esse assunto, porque parece que tudo é pecado, tudo vai pro inferno né, entende? Pra mim, eu acho que essa questão é uma problemática, mas a sexualidade é importante pra se debater, porque sempre há isso nas escolas, os próprios alunos perguntam sobre a sexualidade em si mesmo".

A professora III também relata "Claro que temos dificuldade de falar sobre isso com os alunos por conta dos pais, das questões de religião, que escola não deve ensinar sobre sexo, mas não se deve calar a sexualidade, e mesmo quando se tentar impor o silêncio sobre isso a

criança vai lá e faz por si própria.”

Ainda sobre a questão da educação sexual e todos os assuntos pertinentes a sexualidade serem tabus na sociedade, a professora VIII descreve sua preocupação diante da forma que a sexualidade é concebida socialmente “mas temos tantos obstáculos na educação e na sociedade em geral [...] Então acredito ser muito importante falar disso nas salas de aula, mas, como eu disse, esse assunto é muito polêmico, na sociedade ainda tem muitos tabus quanto ao que se refere a sexualidade, e podemos ver que quando se fala de sexualidade as pessoas já se espantam, imagina quando é referente a uma criança”.

Diante a esses relatos, se utiliza do posicionamento dos autores como Camargo e Ribeiro (1999) sobre o tabu que envolve o tema:

> Frequentemente em nossa cultura, as crianças são impedidas de abordar o tema sexualidade, incorporando muito cedo o tabu que a envolve. A informação necessária e adequada, que possibilite a construção/autoria dessa informação, faz com que as crianças se sintam tranquilas com relação às questões relacionadas à própria sexualidade e possam desenvolver-se para tornar-se indivíduos conscientes dos valores e direitos. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 54).

Nesse sentido Nunes e Silva (2006), explicam sobre uma educação sexual com vistas a emancipação e a humanização, orientam, também, sobre as dimensões da sexualidade, buscando a vivência de uma educação sexual livre de quaisquer concepções pautadas no tabu ainda existente na sociedade:

> Fazemos educação sexual não para a repressão controladora ou para o estímulo irresponsável, muito menos para a negação sórdida, fazemos educação sexual porque os homens têm na sexualidade uma dimensão humana fundamental, que não pode jamais ser negada ou anulada sem deixar sequelas éticas e privações existenciais; nenhuma sublimação de poder compensa o fracasso sexual, nem estético, nem econômico, pois a sexualidade é dimensão híbrida do desejo e da sociedade de afetos e paixões, das realizações e das incompletudes emancipatórias, talvez uma das formas mais claras das utopias existenciais e políticas. (NUNES e SILVA, 2006, p. 125-126).

Por fim, conforme as análises obtidas, compreende-se a sexualidade como uma dimensão ampla de conhecimento complexo, porém se tornando de extrema importância para o desenvolvimento integral da criança, a sexualidade se torna parte fundamental no processo de ensino e aprendizagem escolar, estando presente em todo o cotidiano dentro da escola. Compreendendo, também, as manifestações da sexualidade da criança como fator natural e

biológico, mas considerando a sexualidade para além de uma transversalidade que perpassa não somente as disciplinas escolares, não sendo apenas de cunho biológico e medicinal.

Com estas considerações, afirma-se, através dos relatos coletados e analisados, que as reações das professoras entrevistadas (I, II, III, IV, V, VI, e a VIII), as preocupações apresentadas pelas docentes, nos denuncia a necessidade de preparação pedagógica para se lidar com as manifestações sexuais da criança no ensino infantil. As referidas professoras, em seus relatos, descrevem que não participaram de momentos de formação continuada que tivesse como pauta a sexualidade infantil, tendo como consequência disso a insegurança do docente em se abordar essa temática com postura profissional, apresentando naturalidade e normalidade em seu posicionamento.

Conforme os relatos, afirma-se que, com a falta de preparação, debate, pesquisa, estudos sobre a sexualidade a educação sexual, impede-se uma prática humanista e emancipatória do docente em relação a sexualidade (NUNES e SILVA, 2006). Sendo assim:

> Agora é necessário compreender que a educação sexual não se resume a um conjunto de informações médico-biológicas, nem terapêutico-descompressivas. A educação sexual é formar a pessoa inteira para a vivência gratificante e responsável de sua inaliável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado. (NUNES e SILVA, 2006, p. 126).

Para tanto, é necessário continuar avançando, arrancando as raízes do tabu que ainda está presente nos dias atuais, com vistas a buscar a compreensão da sexualidade, plenamente fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, com uma prática de intervenção adequada no que se refere as manifestações sexuais da criança, culminando numa formação humanitária e emancipatória.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, buscou se a reflexão sobre as manifestações sexuais da criança dentro do espaço escolar, com o objetivo de compreender as significações da exteriorização do prazer que a criança apresenta no cotidiano da dinâmica em sala de aula. Foi possível como os/as professores/as da educação infantil que atuam nas escolas públicas da cidade de Marabá-PA, reagem diante das manifestações sexuais da criança. Ainda se tornou ponto de reflexão para este trabalho, a compreensão de como o processo de aprendizagem sobre a sexualidade interfere na construção identitária do indivíduo, tendo ponto de partida as análises sobre as reações docente diante a manifestação da sexualidade da criança.

Constata-se que a temática sexualidade vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões e debates sociais e educacionais, assim como, analisa-se que a sexualidade da criança no ensino infantil é cada vez mais pertinente a realidade da rotina escolar, visto que as manifestações sexuais da criança se tornam presente nas salas de aulas. Entretanto, a sexualidade, ainda é um assunto que traz constrangimento e receio para ser debatida, estudada e discutida no espaço escolar.

Diante disso destaca-se que durante a realização das entrevistas identificou-se o constrangimento das professoras em relatar sobre os momentos de manifestação sexual das crianças dentro do espaço escolar, além de ser identificado nas falas das professoras o receio de dialogar sobre a temática, tanto no momento da entrevista, quanto com os alunos.

Assim, durante a realização desta pesquisa encontrou-se obstáculos, que tornaram esta tarefa intensa e trabalhosa, haja vista que, quando se apresentava sobre a temática que a pesquisa iria abordar, algumas das professoras selecionadas se negaram a participar da entrevista, por acreditar que na educação infantil não há manifestações da sexualidade da criança, assim como, a crença de que a temática não se deve ser conhecida pelas crianças do ensino infantil, isto é notável no relato da professora VI, que foi concisa em sua fala.

Mas, é válido a ressalva de que, a escola campo escolhida para se cumprir a ação de observação de campo, para análises sobre as manifestações da sexualidade da criança no ensino infantil, não foi contra a temática da pesquisa, notou-se sim um receio sobre a sexualidade na educação infantil.

Por meio do levantamento e análise dos dados obtidos para a concretização desta pesquisa, afirma-se que os objetivos que nortearam este trabalho foram alcançados, possibilitando relacionar a temática abordada com as práticas educativas do professor em sala

de aula, com a compreensão de como a sexualidade infantil é vista e de como é tratada no espaço escolar, com crianças de três a seis anos de idade. Evidencia-se ainda que, durante a coleta dos dados, as professoras que apresentam menos tempo de atuação na área educacional, falam sobre as manifestações da sexualidade da criança de forma mais expressiva e de clara compreensão, estas, por sua vez, também apresentam a preocupação em se estudar, debater, e pesquisar sobre a sexualidade infantil.

Entretanto, foi de grande notoriedade que, apesar de haver uma preocupação em qualificação e formação especifica de curso para o professor que tenha como principal pauta de abordagem a sexualidade infantil, conforme os relatos, não houve, ainda, nenhuma formação ou curso que fossem instrumentos formativos para o conhecimento crítico e científico que trate sobre as manifestações sexuais da criança na educação infantil, ofertando ao professor educador os subsídios de conhecimento para uma prática pedagógica com vistas humanização e emancipação da sexualidade humana.

Nota-se, por meio dos relatos, que parte das professoras tem preocupação e compreensão sobre o pleno desenvolvimento da criança, e como as manifestações da sexualidade da criança estão presentes no cotidiano da escola, procurando, assim, meios de intervenção pedagógica adequada exercendo a compreensão e o respeito sobre as manifestações da sexualidade de cada criança.

Apesar disso, de acordo com os relatos, as professoras apresentam receio de dialogar sobre essa temática com os alunos em sala de aula, haja vista, que muitas alegam não ter uma capacitação formativa suficiente que possa direcionar a uma prática pedagógica adequada no ambiente escolar.

Sendo assim, com base nos pressupostos teóricos utilizados para construção desta pesquisa, afim de compreender as manifestações da sexualidade da criança, e com o conhecimento da trajetória histórica da implementação da educação sexual nas escolas brasileiras, nota-se que nesse aspectos que as práticas e a postura docente frente a uma manifestação sexual da criança no ambiente escolar, tem-se um longo caminho para se percorrer e alcançar uma prática pedagógica humanista e emancipatória sobre a sexualidade infantil.

Percebe-se a forte presença de tabus cristalizados nos indivíduos que compõe a sociedade, interferindo diretamente na postura docente em sala de aula como por exemplo o medo dos pais. Presume-se que para a superação dos tabus sobre a sexualidade infantil, que as professoras tenham a compreensão sobre as significações das manifestações da sexualidade, e que tenham a sua própria sexualidade resolvida.

Contudo, infere-se que esta pesquisa vem a contribuir como fundamentação básica sobre as significações e manifestações da sexualidade da criança na idade de três aos seis anos, com abordagem de reflexão sobre a prática docente frente a temática sexualidade humana. Em que sentido a prática pedagógica interfere e afeta o desenvolvimento da criança. Assim, espera-se que este trabalho possa contribuí para se refletir sobre as manifestações da sexualidade infantil, suas significações, além de ponderar sobre a formação docente, quando esta concerne a sexualidade infantil, sendo uma contribuição com pressupostos básicos para a comunidade escolar, no que se refere a sexualidade da criança no espaço escolar.

6. REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. (1981). **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1987). **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a História e para a Sociologia da Sexualidade.** 3. Ed. São Paulo: Brasiliense.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; Polydoro, Soely. **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BEDIN, R. C. A. história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP. 2016. 154 f. **Tese** (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil: Formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.2.

BRASIL/MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (1996).

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s**): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: moderna, 1999.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual essa nossa (des) conhecida**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAUÍ, M.; KEHL, M. R.; WEREBE, M. J. **Educação sexual:** instrumento de democratização ou de mais repressão? Cadernos de pesquisa, v. 36, p. 99-110, 1991.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

PESQUISA EM EDUCAÇÃO da UFPI, 2., 2002, Teresina. **Anais**... Teresina: EDUFPI, 2002.Disponívelem:<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/ GT.13/ GT13_4_2002.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2022.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico**. Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2014.

_____ Mary Neide Damico. **Revendo a história da educação sexual no Brasil:** ponto de partida para construção de um novo rumo. Nuances, v. IV, p. 123-133,1998.

_____, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta e um desafio. 2º ed., Londrina: Eduel, 2001.

_____, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes,1999. _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L.

(Org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PADRÃO REFERENCIAL DE CURRÍCULO: **Temas de Relevância Social**, Ensino Fundamental. 1ª versão, SEC, RS. Porto Alegre. 1997.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade,** 1905. In.: Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GUIMARÂES, Isaura. **Educação Sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado da Letras, 1995. html?id=fSevGwAACAAJ&redir_esc= y&hl=pt-BR>

LOPES, Patrícia. **Sexualidade Infantil**, 2007. Disponível em <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1679533-sexualidade-infantil>. Acesso em: 20/03/2022.

MACEDO, Lulie. **Quando a sexualidade engatinha**. 2003. Disponível em <http:// www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/sexualidadeinfantil1.html>. Acesso em: 21/03/2022.

MALINOWSKY, B. (1975). **Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem**. Petrópolis: Vozes.

NÉRICE, Imídeo G. **Seus filhos, o sexo e você**: Normas da educação sexual, da infância à juventude – de 0 a 19 anos -. São Paulo: IBRASA, 1988.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2006.

NUNES, César. SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, Nina Eira Dias de. **Sexualidade Infantil**. 2000. Disponível em: <http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/sexualidade.htm>. Acesso em: 22/03/2022.

PIAGET, J. (1977). **O Julgamento Moral da Criança**. São Paulo: Mestre Jou.

PIAGET, J. (1985). **A Formação do Símbolo na Criança**. 3.ed. Rio de Janiero: LTC Editora.

PINHEIRO, V. M. dos S. **História recente da educação sexual na escola e da sexualidade no contexto da realidade brasileira.** DST Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis. v. 9, n. 1, p. 4-8, 1997.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. **Institucionalização do conhecimento sexual no Brasil**. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). Sexualidade e educação: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 27-71.

RIBEIRO, Cláudia. **A fala da criança sobre a sexualidade humana**: O dito, o explicito e o oculto. In: _____ “A construção do corpo sexuado”. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. p.23-33.

RIBEIRO, P. R. C. **Revisitando a história da educação sexual no Brasil**. In: RIBEIRO, P. R. C. (Org.). Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. 3. ed. Rio Grande: FURG, 2013. p. 11-16.

RIBEIRO, P. R. M. **Os momentos históricos da educação sexual no Brasil**. In P. R. M. Ribeiro (Org.). Sexualidade e educação: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. et. al. **Sexualidade na sala de aula**: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Disponível em: http//www.scielo.br. Acesso feito em 25/03/2022.

ROSEMBERG, F. **Educação sexual na escola. Cadernos de Pesquisa**, n. 53, 1985, p. 11-19. RUSSO, J.; ROHDEN, F. (Org.) Sexualidade, ciência e profissão no Brasil. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

SILVA, O. M. da. **Origens da educação (Sexual) brasileira e sua trajetória**. In: ENCONTRO

WEREBE, M. J. G. **A educação sexual na escola**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA

MANIFESTAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA

Idade:
Área de atuação:

1. Quanto tempo atua na área?

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

MANIFESTAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA

PROFESSORA I

Idade: 37 anos

Área de atuação: Educação Infantil – Pré-escolar III

9. Quanto tempo atua na área?

Na educação infantil, eu atuo a mais de três anos, mas estou trabalhando como professora a mais ou menos seis anos

10. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Sim, sim, eu já presenciei diversas vezes. Teve um acontecimento em uma época do 1° ano, em que alguns alunos vinham até mim falando que um outro aluno sempre estava se tocando e tocando nos outros. O aluno tocava nas partes intimas dos outros alunos e principalmente por trás, no caso no bumbum dos outros alunos. Aconteceu um episódio, em que os alunos estavam sentados no horário do recreio, e esse aluno estava sentado próximo de um outro aluno, quando eu olhei de relance, percebi que o mesmo começou a acariciar o colega de classe por trás. Quando eu vi nitidamente a mão do aluno descendo por dentro dos shorts do outro aluno. Todos os dias os alunos me falavam disso, mas eu nunca tinha visto. Mas nesse dia eu vi.

11. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Quando eu presenciei aquele cenário, eu fiquei muito chocada. E no mesmo instante eu raiei com o aluno, eu logo gritei com ele: ei menino que é isso aí? Para de fazer isso. Na época eu não estava preparada sobre esse assunto, então depois de gritar e não falei mais sobre isso, e o aluno quando retornou a sala, começou a ficar agressivo com os outros colegas de classe, querendo bater nos outros alunos. (perguntei se a professora compartilhou esse acontecimento com a coordenação escolar, e ou com os pais). Não, eu não falei com ninguém sobre esse assunto, somente raiei com o aluno, mas nunca mais vi ele fazendo isso de novo com os outros alunos. Mas depois eu comecei a refletir sobre isso, me perguntando o que acontecia com aquela criança pra chegar a fazer isso.

12. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Às vezes há momentos na hora pedagógica em que um professor aqui ou acolá compartilha um episódio como esse. Mas eu particularmente nunca participei de uma formação continuada que aborde somente essa temática.

13. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Teve uma época em que a escola, fez projetos sobre essa temática, mas era voltado apenas para as crianças do ensino fundamental a partir do 3° ano. Mas o projeto não era fechado pra somente pra essa temática né. No projeto foi trabalho muito mais a questão do bullying na escola. A gente fica até com medo de trabalhar sobre essa temática na escola, devido a como os pais vão reagir né. A gente fica um pouco ecoada pra trabalhar isso, as famílias daqui da escola são difíceis de trabalhar sobre qualquer questão em relação ao filho né.

14. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Eu não abordo sobre essa questão na minha sala de aula, porque já é difícil cumprir com as exigências da SEMED pra cumprir com o currículo. Mas sempre que vejo um episódio em que a criança se toca em suas partes intimas ou fica curiosa e toca nas partes intimas de outras crianças eu alerto que não pode fazer isso.

15. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Não, não. Nem pela minha família e nem na escola. Assim, na escola, recebi alguma educação sexual na matéria de ciências e biologia né.

16. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Sim, sim, é importante trabalhar essa temática, mas com cuidado né. Eu fico meia dividida, eu penso assim, que esse entendimento deve vir principalmente dos pais, mas eu penso também que trabalhar isso pode aumentar a curiosidade deles sobre esse assunto né. Mas é importante pra evitar que eles não cheguem nesse assunto por outros meios errados.

PROFESSORA II

Idade: 43 anos

Área de atuação: Ensino Fundamental 1° segmento, mas já atuou na educação infantil do Pré-escolar por dois anos.

1. Quanto tempo atua na área?

   A mais de 11 anos como professora.

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Assim, né, quando eu trabalhava na outra escola de educação infantil. Eu sempre via as crianças falando sobre namoro, essas coisas de criança né. Mas teve um dia em que estava na hora do recreio e as crianças estavam brincando no pátio, quando eu me dei por falta de duas das crianças, no caso um menino e uma menina né. Levei os alunos todos pra sala de aula, e nada dos outros dois alunos chegar, fui atrás deles, e encontrei eles perto do banheiro, porque

assim, na escola que eu 'tava' trabalhando tinha o espaço do banheiro e da pia, nesse espaço entre o banheiro e a pia eu vi os dois ali sentados se beijando na boca. Mas isso não aconteceu só uma vez né. Eu vi várias vezes as crianças do jardim 2 se beijando na boca até mesmo dentro da sala de aula. Teve um outro episódio em que eu 'tava' passando uma atividade e uma das crianças levantou da cadeira veio até mim e tocou nos meios seios, né. Logo tirei a mão da criança dos meus seios e disse que não podia fazer isso.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Primeiro, eu fiquei impactada com aquilo porque são crianças né. Porque assim, uma coisa é tu estudar na faculdade sobre isso, outra coisa é tu vivenciar. Então, eu fiquei impactada. Mas depois disso eu tentei conversar, né, explicar que isso não podia se fazer. Então eu tentei fazer nesse sentido de tentar contornar a situação. No caso da criança beijando a outra né, eu chamei os pais, conversei sobre o acontecimento, mas aí no outro dia a mãe da criança tinha tirado ela da escola né. Eu fiquei bastante triste com isso né. Mas o que eu podia fazer? No final eu fiquei como a culpada, a situação meio que se reverteu contra mim, de que como uma professora não presta atenção na sala e essas coisas mais.

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Sendo bem sincera contigo, eu nunca participei de uma formação ou de momentos de pesquisa em que o foco era esse tema. Porque tu sabes como é a educação no Brasil, a gente não consegue falar e debater nem sobre a necessidade de um atendimento especial para os alunos que precisam, quem dirá sobre isso.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Não, não me lembro de ter participado de algo assim.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Às vezes, quando tem uma coisa assim na sala de aula né, principalmente quando se trabalha a disciplina de ciências.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Sobre educação sexual, eu tive na escola sobre prevenção né, na disciplina de ciências do fundamental, mas isso já na 7º ou 9º série. Mas em casa, nunca tive não, nem quando eu menstruei, minha mãe disse só que eu tinha virado mocinha.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

A temática é importante, mas a questão é que isso sempre esbarra na questão religiosa né. Eu não sei, como as pessoas religiosas entendem esse assunto, porque parece que tudo é pecado, tudo vai pro inferno né, entende? Pra mim, eu acho que essa questão é uma problemática, mas a sexualidade é importante pra se debater, porque sempre há isso nas escolas, os próprios alunos perguntam sobre a sexualidade em si mesmo. Assim, de modo geral, algumas crianças veem na gente aquela referência de que elas podem perguntar pra gente sobre isso, né. Mas

acaba que não fazem por essa temática sempre ser vista como um tabu, um problema.

PROFESSORA III

Idade: 42 anos

Área de atuação: 2º ano do ensino fundamental do 1º segmento, mas já atuou na educação infantil Pré-escolar por dois anos.

1. Quanto tempo atua na área?

Eu atuo na área da docência a seis anos

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Diversas vezes, até mesmo as próprias crianças vêm até eu perguntar sobre as suas partes intimas, sobre porque a menina não tem 'pintinho'. Na sala de aula, ontem mesmo os alunos quando estavam lendo o silabário começaram a rir quando chegamos na sílaba 'cu' né. E foi um alvoroço. Teve um dia na educação infantil, quando um dos alunos foi ao banheiro e voltou sem os shorts do uniforme, somente com a cueca, entrou na sala, e os outros alunos começaram a rir, e falar 'olha a cueca dele ou olha o bumbum dele'. E começaram a tocar no bumbum do aluno, e o aluno 'tava' achando a maior graça aquilo né. Teve outra situação em que um outro aluno estava com a mão em suas partes intimas acariciando, só que por cima da roupa né, fui até a criança e perguntei se ele queria ir ao banheiro e ele disse que sim, mas que ia depois porque estava gostoso ali.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Eu em momento algum me assustei com esses acontecimentos, ou briguei com a criança, mas eu tomei aquilo pra conversar com eles em conjunto né, sobre as partes intimas e tendo sempre o cuidado de falar de um jeito que eles pudessem entender.

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Olha, na nossa formação continuada tem, e ao mesmo tempo não tem momentos pra falar sobre isso, é sempre mais o professor mesmo pra ir atrás de conhecimento pra saber lidar com isso né. É debatido, assim, de uma forma muito superficial, bem rápida mesmo.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Não, eu particularmente nunca participei não.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Sim, sempre busco tratar dessa temática com os alunos, porque, eu acredito ser importante pra eles também. Falo com eles sobre o corpo, com cuidado né, pra que eles entendam sempre, falar com eles sobre isso sem ser de forma negativa, mas de uma forma leve. Pra eles

entenderem que isso é normal.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Por parte da minha família mesmo, não. Nem quando eu me casei. Tive matéria escolar sobre o corpo humano, mas assim, bem rápido o assunto sobre as partes intimas, tanto que nem na prova não tinha falando sobre isso.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Sim, sempre que o professor tiver oportunidade de falar sobre isso é importante, porque isso faz parte de quem nós somos né. Claro que temos dificuldade de falar sobre isso com os alunos por conta dos pais, das questões de religião, que escola não deve ensinar sobre sexo, mas não se deve calar a sexualidade, e mesmo quando se tentar impor o silêncio sobre isso a criança vai lá e faz por si própria.

PROFESSORA IV

Idade: 24 anos

Área de atuação: Educação Infantil, Pré-escolar, e 5º ano do ensino fundamental do 1º segmento.

1. Quanto tempo atua na área?

Há dois anos.

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Sim, como eu trabalho todos os dias na educação infantil, eu sempre percebo, principalmente, na hora do recreio ou a hora de brincar, algumas crianças se acariciando. Teve um dia na hora da brincadeira livre, em que dois alunos, uma menina e um menino do jardim 2, estavam beijando na boca, e se acariciando. Outro dia também, no momento de brincadeira, uma outra aluna estava por cima de outro aluno, enquanto este estava deitado de barriga pra cima, e ela estava se esfregando nele, e quando eu vi chamei eles pra conversar, o pênis do aluno estava ereto e ele não parava de tocar, e enquanto eu estava falando com eles, a menina estava olhando pro pênis ereto do colega. Mas o que eu mais vejo com mais frequência é eles se tocando mesmo, tanto individualmente, ou tocando no outro coleguinha.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Eu fiquei abismada né, mas logo eu chamei os alunos envolvidos nos acontecimentos pra conversar, e dizer que não pode fazer aquilo. Não chamei nem a direção da escola e nem os pais dos alunos, pra não ter muito alarde sabe?

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Não, nunca presenciei.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Não.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Como são crianças de quatro a seis anos de idade, eu não falo sobre isso não. Eu falo assim, que isso de ficar beijando na boca do coleguinha não pode e nem de ficar se tocando, e quando eu tenho oportunidade eu chego a dizer sobre as partes intimas que ninguém além do 'papai' a 'mamãe' pode tocar, essas coisas assim eu falo pra eles.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Em uma escola que eu estudei, teve um projeto contra as doenças sexualmente transmissíveis né. Isso eu estava no ensino médio. Mas em casa, eu não tive, assim, minha mãe conversava comigo na adolescência quando eu menstruei e sobre proteção né.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Na educação infantil, acho isso ainda mais complicado e polêmico pra ser abordado, mas é importante sim, mas infelizmente, no meu modo de ver a escola vai estar muitas das vezes de mãos atadas nessa questão porque tem as famílias né, que podem não entender, imagina um aluno do ensino infantil relatando pro pai e pra mãe que aprendeu sobre sexo? Acredito que é bom falar sobre isso com alunos maiores né.

PROFESSORA V

Idade: 39 anos

Área de atuação: Educação Infantil Pré-escolar, Jardim II

1. Quanto tempo atua na área?

11 anos como concursada de professora, mas atuante geral na área já tem mais ou menos 15 anos.

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Durante esses anos que sou professora na educação infantil, sim sempre. A gente escuta e ver, teve uma situação em sala de aula, em que eu ouvi um aluno falando sobre as partes intimas dele, usando termos pejorativos né, se referendo ao pênis dele como 'rola'. E outras manifestações em que uma aluna estava querendo beijar na boca de outra criança, além de

que eu vi uma vez, dessa mesma aluna colocar na mão por dentro dos shorts de uniforme de uma outra aluna. Às vezes na sala eu também, considero como manifestação, meninas que começam a ter comportamentos de meninos né, dizendo que tem pênis.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Em todas as situações eu fiquei boba né, porque eu nunca tinha visto uma criança de 5 anos falando a palavra 'rola', assim de graça né. Então eu fiquei sem reação. Mas depois eu fui na criança perguntar se ela sabia o que era 'rola' e a criança ficou calada né, não disse nada. Mas uma outra criança falou: tia eu sei o que é 'rola', é aquilo que a gente chupa quando namora. Eu fiquei ainda mais assustada, eu fiquei pasma. Então eu logo desviei o assunto né, peguei o celular e tentei explicar que aquilo é um tipo de passarinho né, e desviei o assunto. Mas nesses casos eu não falei com os responsáveis né, já com medo dos pais baterem na criança, e de virem colocar a culpa em mim como professora né.

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Até agora, enquanto eu sou professora, eu nunca participei de uma formação continuada em que era trabalhada essa temática de forma específica né. Essas formações que são oferecidas nunca trabalharam especificamente sobre isso, teve sim, uma conversa aqui outro ali de forma bem informal, mas nada muito específico para ser trabalhado.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Não, também nunca nem participei de nenhum curso sobre a educação sexual para a criança.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Como a gente não tem orientação especifica pra isso, fica difícil abordar isso em sala de aula. Somente quando tem algum aluno ali que dentro da sala faz ou diz ao relacionado sobre a sexualidade, a gente vai conversa com a criança, a gente fala né com sutiliza, com cuidado falando mais sobre se algum tocar na criança em suas partes intimas sem ser o papai e ou a mamãe, a criança tem que falar com algum adulto, com o professor, com o papai e a mamãe. A gente explica assim né, muito por alto, mas só quando tem necessidade, no dia a dia mesmo é muito difícil.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Na minha infância não, naquela época era tudo muito escondido, as coisas eram mais a comedidas. Na escola na 7º série, tinha nos livros né, que falava sobre o corpo humano, as genitais. Eu me lembro muito bem, que a minha professora de ciências da época falou com a turma que teve uma mãe de uma das alunas que veio reclamar com a professora, porque a professora estava ensinando imoralidades pra filha. Eu tive, né, nesse sentido assim né, mas nunca foi nada assim aprofundado, sempre por alto.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Esse assunto, é um assunto muitíssimo delicado, porque por mais que a questão sexual esteja mais presentes nas músicas que tem o teor sexual nas letras que as crianças dançam. Na vida

sexual deles que a gente vê que tem adolescente que começa a ter relação sexual cedo né. Eu, particularmente não me sinto preparada pra falar sobre isso, isso envolve muitas questões sociais, como a família. Eu acho necessário sim, mas isso bate com a falta de formação específica pra isso. Por que pra se ter uma educação sexual em todas as escolas, tem que ser quebrado muitos tabus que existem na sociedade.

PROFESSORA VI

Idade: 44 anos

Área de atuação: Educação Infantil – Pré-escolar, Jardim I

1. Quanto tempo atua na área?

Há mais de 22 anos

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Não, nunca percebi nenhuma manifestação desse tipo.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Como nunca vi, e nem ouvi nada a respeito, não tive nenhuma reação.

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Não.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Também não.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Não, não vejo necessidade pra isso.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Não tive.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Na educação infantil eu não acho que seja necessário, não. Não tem o porquê de se educar a criança sexualmente.

PROFESSORA VII

Idade: 40 anos

Área de atuação: 3º ano do Ensino Fundamental do 1º segmento, mas já atuou na Educação Infantil - Pré-escolar, Jardins I e II.

1. Quanto tempo atua na área?

Atuo há 22 anos na área.

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Sim, com certeza. Há alguns dias atrás me deparei com dois alunos falando sobre "bater punheta", e eles são da faixa etária de 7 a 8 anos de idade. Então eu perguntei a eles se sabiam o que significava isso (é óbvio que sei que sabiam), mas ficaram em silêncio, me olhando... então eu disse que depois iriamos conversar sobre o assunto. Como a conversa estava a dois, conversei apenas com os dois. Fora outras situações, em que vi alunos se beijando, até mesmo alunos do mesmo sexo, isso no horário do intervalo e na hora da saída, ou sempre escuto conversa de namoro, principalmente entre as meninas. Quando eu trabalhei na educação infantil, eu presenciei mais atitudes relacionadas a criança se tocar, ou querer ver o genital da outra criança. Lembro muito de situações em que uma criança se sujava precisava trocar de roupa, e enquanto eu levava a criança pra se trocar no banheiro, outras crianças apareciam dizendo que queriam ver como é o "pintinho" da outra criança.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

Na verdade, não me espantei, pois são crianças e, portanto, seres humanos, que convivem numa sociedade, têm famílias, valores, princípios e comportamentos diferentes. Além do mais, têm acesso a esse tipo de conhecimento pelas redes sociais e até mesmo em casa, por meio de familiares, mesmo que muitas das vezes, de sejam informações transmitidas de maneira errada e precipitada na minha opinião.

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

De maneira nenhuma. Que eu me lembre, nunca houve.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Não, nunca participei.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Algumas vezes, apenas quando o tema se manifesta. Quando eu vejo alguma manifestação das crianças eu trato de dizer com cuidado sobre o significado daquilo.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Não. Nem mesmo familiar.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Penso que essa é uma tarefa principalmente familiar, mas parece nem mesmo as famílias estão preparadas. Então, como na maioria das vezes ou das situações, passam-se tais responsabilidades à escola. A escola, por sua vez, deve estar preparada para isso e, principalmente com respaldos teóricos e científicos. O fato é que essa temática não seria novidade para os alunos, mas a escola, assumindo parte desse papel, terá grande responsabilidade e precisará de suporte para desenvolvê-lo.

PROFESSORA VIII

Idade: 25 anos

Área de atuação: Educação Infantil – Pré-escolar, Jardins I e II.

1. Quanto tempo atua na área?

Estou atuando há mais ou menos 1 (um) ano como professora.

2. Você já presenciou alguma manifestação sexual dos alunos na escola e/ou na sala de aula?

Sim, praticamente todos os dias, como eu sou professora da educação infantil, quase sempre vejo uma criança aqui ou ali se manifestando sexualmente sabe? Esses últimos dias mesmo eu vi, durante o horário da brincadeira, duas alunas brincando de médica, uma era a paciente e a outra médica, mas quando eu vi bem, uma estava com a mão por dentro dos shorts de uniforme da outra coleguinha, e a que estava sendo tocada estava soltando murmurinhos, como se fosse gemido. Quando vi elas, e elas viram logo pararam, cheguei perto delas, e elas não olhavam nos meus olhos, então perguntei sobre o que estavam brincando e elas me explicaram, assim eu fui aos poucos desviando o foco delas daquele tipo de brincadeira. Às vezes também tem crianças que gostam de me apalpar, principalmente meus seios, eu pensava que queriam mamar, mas vi que não era isso. Crianças que vinham me abraçar e depois de me abraçar apertavam meus seios, ou tentavam levantar minha blusa. Outro dia desses eu vi um aluno e uma aluna se beijando, sabe? Dando selinhos. Nesses momentos também vi crianças se tocando nas partes genitais ou querendo olhar a do colega de classe. Já percebi também atos de alguns alunos se esfregando no outro ou até mesmo na cadeira.

3. Qual foi a sua reação diante a manifestação sexual do aluno(a)?

No início, eu ficava pasma de ver crianças de cinco ou quatro anos de idade tendo essas atitudes, isso ainda no meu período com universitária. Depois quando eu comecei a trabalhar na educação infantil e via isso quase todos os dias, eu comecei a tentar me aprofundar no assunto por conta própria. Então, hoje em dia, eu já não repreendo que isso não se deve fazer, ou digo que é totalmente errado e que papai do céu não gosta. Eu simplesmente me junto a eles e tento desviar do foco, brincando com eles, mas quando surge duvidas assim, de porque ela é menina e ele é menino, eu tento explicar da maneira mais eficaz e cuidadosa pra que eles

entendam, sabe? Às vezes quando surge o assunto sobre de onde vêm os bebês, eu ficava sempre com medo dessa pergunta, e as vezes eu desvio dela e não consigo explicar pra uma criança sobre isso. Não me sinto suficientemente preparada pra isso.

4. Na formação continuada dos professores há momentos de ensino pesquisa sobre a temática educação sexual da criança?

Estou a pouco tempo atuando na área e nunca participei de momentos de debate ou pesquisa sobre essa temática.

5. Você já participou ou participa de algum curso sobre a educação sexual da criança?

Somente quando era universitária que eu participei de um evento sobre violência sexual contra as crianças, mas nunca nessa temática em especifico.

6. Você aborda sobre a educação sexual com as crianças em sala de aula?

Sim, mas sempre com aquele cuidado sobre o que falar, porque tem a questão de os pais não entender e nem apoiar esse tipo de ensino, medo de ensinar, quando for propício, essa temática com as crianças e ter represálias dos pais e da própria escola em que atuo como contratada. Esses dias debatemos sobre o beijo, porque um aluno veio reclamar que um outro aluno tinha beijado a boca dele, e a criança que beijou falou que via os pais e irmãos fazerem isso, e que era normal. Então eu tentei explicar de uma forma fácil pra eles entenderem sobre o significado do beijo.

7. Na sua infância, você teve alguma educação sexual?

Não, a minha família é muito fundada no patriarcalismo, então educação sexual na minha família nunca tive. Na escola eu participei de um projeto escolar contra o HIV e a AIDS, mas isso foi quando eu estava no 9º ano do ensino fundamental.

8. Você acha necessário essa temática ser abordada com as crianças nas escolas e salas de aula?

Acredito que é importante sim, mas temos tantos obstáculos na educação e na sociedade em geral. Eu vejo que na educação infantil o professor deve ter um amparo de recursos sobre isso maior, já que ele convive no dia a dia com crianças da educação infantil que tem curiosidades sempre relacionada a essa temática, fora que a curiosidade é maior quanto ao corpo e a diferença do sexo. Então acredito ser muito importante falar disso nas salas de aula, mas, como eu disse, esse assunto é muito polêmico, na sociedade ainda tem muitos tabus quanto ao que se refere a sexualidade, e podemos ver que quando se fala de sexualidade as pessoas já se espantam, imagina quando é referente a uma criança.

APÊNDICE C

ESCOLAS PÚBLICAS	**PROFESSORA I**	**PROFESSORA II**	**PROFESSORA III**	**PROFESSORA IV**	**PROFESSORA V**
Turma e Tempo de atuação	*Pré-escolar III 6 (seis) anos*	*Pré-escolar III A mais de 11 (onze) anos*	*Pré-escolar II 6 (seis) anos*	*Pré-escolar III*	*Pré-escolar III A mais de 15 (quinze) anos*
Curso na área da Sexualidade	*Participou apenas de um Projeto escolar*	*Nunca Participou*	*Nunca Participou*	*Nunca Participou*	*Nunca Participou*
Experiências	*O aluno tocava nas partes intimas dos outros alunos e principalmente por trás, no caso no bumbum dos outros alunos.*	*No momento do intervalo, presenciei duas crianças se beijando na boca.*	*Diversas vezes, até mesmo as próprias crianças vêm até eu perguntar sobre as suas partes intimas, sobre porque a menina não tem 'pintinho.*	*Um dia na hora da brincadeira livre, em que dois alunos, uma menina e um menino do jardim 2, estavam beijando na boca, e se acariciando.*	*Eu ouvi um aluno falando sobre as partes intimas dele, usando termos pejorativos né, se referendo ao pênis dele como 'rola'.*
Reação e Condução do Caso	*Quando eu presenciei aquele cenário, eu fiquei muito chocada. E no mesmo instante eu raiei com o aluno, eu logo gritei com ele*	*Primeiro, eu fiquei impactada com aquilo porque são crianças. Mas depois disso eu tentei conversar, explicar que isso não podia se fazer*	*Eu em momento algum me assustei com esses acontecimentos, ou briguei com a criança.*	*Eu fiquei abismada né, mas logo eu chamei os alunos envolvidos nos acontecimentos pra conversar, e dizer que não pode fazer aquilo.*	*eu fiquei sem reação. Mas depois eu fui na criança conversar e tentar desviar do assunto depois.*
Opinião Sobre a Educação Sexual nas Escolas	*Eu fico meia dividida, eu penso assim, que esse entendimento deve vir principalmente dos pais, mas eu*	*Pra mim, eu acho que essa questão é uma problemática, mas a sexualidade é importante pra se debater.*	*Claro que temos dificuldade de falar sobre isso com os alunos por conta dos pais, das questões de religião, que*	*Na educação infantil, acho isso ainda mais complicado e polêmico pra ser abordado, mas é importante sim.*	*Esse assunto, é um assunto muitíssimo delicado. Eu, particularmente não me sinto preparada pra falar sobre isso.*

	penso também que trabalhar isso pode aumentar a curiosidade deles sobre esse assunto		*escola não deve ensinar sobre sexo, mas não se deve calar a sexualidade.*		

ESCOLAS PÚBLICAS	**PROFESSORA VI**	**PROFESSORA VII**	**PROFESSORA VIII**
Turma e Tempo de atuação	*Pré-escolar II* *Mais de 22 (vinte e dois) anos*	*Pré-escolar III* *Mais de 22 (vinte e dois) anos*	*Pré-escolar II*
Curso na área da Sexualidade	*Nunca Participou*	*Nunca Participou*	*Nunca Participou*
Experiências	*Nunca percebi nenhuma manifestação desse tipo.*	*Situações em que uma criança se sujava precisava trocar de roupa, e enquanto eu levava a criança pra se trocar no banheiro, outras crianças apareciam dizendo que queriam ver como é o "pintinho" da outra criança.*	*Durante o horário da brincadeira, duas alunas brincando de médica, uma era a paciente e a outra médica, mas quando eu vi bem, uma estava com a mão por dentro dos shorts de uniforme da outra coleguinha.*
Reação e Condução do Caso	*Como nunca vi, e nem ouvi nada a respeito, não tive nenhuma reação.*	*Na verdade, não me espantei, pois são crianças*	*No início, eu ficava pasma de ver crianças de cinco ou quatro anos de idade tendo essas atitudes.*
Opinião Sobre a Educação Sexual nas Escolas	*Na educação infantil eu não acho que seja necessário, não. Não tem o porquê de se educar a criança sexualmente.*	*Penso que essa é uma tarefa principalmente familiar. Mas a escola, por sua vez, deve estar preparada para isso e, principalmente com respaldos teóricos e científicos.*	*Acredito que é importante sim, mas temos tantos obstáculos na educação e na sociedade em geral.*